



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

MARINA CINTIA DA SILVA GUAJAJÁRA

**AFINIDADES DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS ENTRE
GUAJAJÁRA, GUARANÍ ANTIGO E OUTRAS LÍNGUAS APARENTADAS:**
contribuições para os estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní

Brasília, DF
2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG898a Guajajára, Marina Cintia da Silva
AFINIDADES DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS ENTRE
GUAJAJÁRA, GUARANÍ ANTIGO E OUTRAS LÍNGUAS APARENTADAS:
contribuições para os estudos histórico-comparativos da
família Tupí-Guaraní / Marina Cintia da Silva Guajajára;
orientador Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. -- Brasília, 2021.
61 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Língua Guajajára. 2. Tupí-Guaraní. 3. Linguagens e
materialidades. 4. Persistência Linguística. 5. Comparação e
reconstrução histórica. I. Arruda Câmara Cabral, Ana Suelly,
orient. II. Título.

MARINA CINTIA DA SILVA GUAJAJÁRA

**AFINIDADES DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS ENTRE
GUAJAJÁRA, GUARANÍ ANTIGO E OUTRAS LÍNGUAS APARENTADAS:
contribuições para os estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como partes dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília, DF
2019**

MARINA CINTIA DA SILVA GUAJAJÁRA

**AFINIDADES DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS ENTRE
GUAJAJÁRA, GUARANÍ ANTIGO E OUTRAS LÍNGUAS APARENTADAS:**

contribuições para os estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL,
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade
de Brasília, como partes dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística

Brasília, 15 de março de 2021.

Profª. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (presidente)
Orientadora, PPGL/IL/Universidade de Brasília

Profª. Dra. Helena, da Silva Guerra Vicente (avaliadora interna)
PPGL/IL/Universidade de Brasília

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte (avaliador externo)
Universidade Federal de Minas Gerais

Profª. Dra. Tabita Fernandes da Silva (suplente)
Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho ao meu povo Guajajara!

AGRADECIMENTOS

Ao *Tupàn heru ywate har*, criador de tudo.

À minha família, em especial à minha mãe Cintia Maria Santana da Silva pelo incentivo a chegar até aqui. Ela foi e é alguém de suma importância em minha vida, minha amiga, companheira e incentivadora da educação indígena.

A meus filhos Mairawy Gabriel da Silva dos Reis Guajajára, Iza Turiara da Silva Alves Guajajára e Turiara Rebeca Guajajára Sousa por compreenderem a razão de minha ausência em alguns momentos importantes de suas vidas.

Às minhas tias Surama e Suluene que sempre foram meu suporte em momentos tão difíceis e delicados.

Ao meu povo Guajajára por ser tão resistente, e por ser fonte de inspiração através dos cantos tradicionais.

À minha professora e orientadora Dr. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por me acolher tão bem no LALLI e em sua família, e me permitir viajar pelos conhecimentos de várias línguas indígenas, compartilhando suas experiências e seus conhecimentos, sem sair do lugar através dos estudos. Então, ter essa mulher extraordinária como orientadora, foi como ter um novo olhar e conhecer uma nova perspectiva com as línguas indígenas, em especial com a do meu povo Guajajára.

Ao Prof. Francisco Silva Noelli por nos assessorar no caminho que trilhamos para realizar esta dissertação, contribuindo com o seu conhecimento ímpar sobre pré-história, língua e cultura dos povos, sempre atento à necessidade de a experiência milenar dos povos indígenas ser reconhecida fora dos contextos desses povos, como outras formas de ver o mundo, com importantes contribuições para a humanidade. Grata por somar conosco neste trabalho e outros futuros estudos.

À professora Dra. Rozana Reigota Naves por todo o apoio que tem dado ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas - LALLI, que é o centro de pesquisa em que nós, indígenas, somos protagonistas no estudo de nossas respectivas línguas, mas também por todo o empenho em contribuir com a nossa formação e bem-estar na Universidade de Brasília.

Às professoras Edineia Aparecida Isidoro e Eliete de Jesus Bararuá Solano pela fundamental contribuição na revisão da versão final deste estudo, e aos professores Jorge Domingues Lopes e Edineia Aparecida Isidoro pelo auxílio na formatação e adequação da dissertação às normas da ABNT.

Ao CNPq pela Bolsa de Estudos que me permitiu cursar um dos dois anos do curso de Mestrado.

Aos meus colegas do LALLI, Rosileide Barbosa, Tiago Iteor Suruí, Tapí Yawalapíti, e Edineia Isidoro que estiveram sempre ao meu lado, confortando-me nos momentos de nostalgia dos meus filhos e no dia a dia de estudos.

À minha prima Maria Judite da Silva Balério Guajajara que me acolheu tão bem quando cheguei em Brasília para realizar meus estudos.

Finalmente, agradeço à Universidade de Brasília pelo seu programa de inclusão.

RESUMO

A presente dissertação trata da linguagem das doenças e epidemias, incluindo prevenções e tratamentos do povo Guajajára Tenetehára. Focaliza a riqueza das expressões linguísticas sobre esse campo de experiência e conhecimentos Tenetehára, por meio da fala de uma importante sábia do povo Guajajára e da análise histórico-comparativa de cognatos desse campo de experiência vivido por povos Tupí-Guaraní. A dissertação é em sua essência de natureza histórico-comparativa e beneficiou-se dos estudos de autoria de Francisco Silva Noelli, nos quais o autor inventaria e analisa as linguagens das materialidades Guaraní registradas por Montoya em seu *Tesoro de la Lengua Guaraní*, como a linguagem da cerâmica (NOELLI, 2019) e das doenças e epidemias (NOELLI, 2020 e 2021), fundamentando a ideia de “persistência” nas práticas milenares de povos Tupí, ressignificadas ao longo de milênios. Os dados usados na presente dissertação advêm das seguintes línguas e fontes: Ka’apór: Caldas (2009), Kayabí: Weiss (1998); Tupinambá: Anônimos (1952, 1953); Guaraní Antigo: Montoya (1876) e Noelli (2019, 2020), Tembé: Boudin (1966), Zo’é Cabral, Jennings e Pinto (2019) e Parintintín: Betts (1981). Já os dados do Kamayurá e alguns dados do Kayabí foram contribuições respectivamente dos pesquisadores Paltú Aisanain Kamaiurá e Cristiano Moya Filho, por meio de comunicação pessoal. Os dados do Guajajára têm como fontes Cíntia Maria Santana da Silva (comunicação pessoal) e Harrison e Harrison (2013), A análise de dados e as propostas de etimologias seguem passos requeridos pelo Método Histórico Comparativo Kaufman (1990), Campbell (1998, 2013) e Hock (1991).

Palavras-chave: Língua Guajajára. Tupí-Guaraní. Linguagens e materialidades. Persistência Linguística. Comparação e reconstrução histórica.

ABSTRACT

This dissertation deals with the language of diseases and epidemics, including prevention and treatment of the Guajajára Tenetehára people. It focuses on the richness of linguistic expressions in this field, according to the Tenetehára experience and knowledge, gathered from the speech of an important Guajajára woman. The dissertation is in its essence of historical-comparative nature and had been benefited from the studies by Francisco Silva Noelli, in which the author reunited and analyzed the languages of Guaraní materialities recorded by Montoya in his *Tesoro de la Lengua Guaraní*, as the language of ceramics (NOELLI, 2019), the language of diseases and epidemics (NOELLI, 2020 and 2021), underpinning the idea of “persistence” in the ancient practices of Tupí peoples, which have been reframed over millennia. The data used in this dissertation come from the following sources: Ka’apór: Caldas (2009), Kayabí: Weiss (1998); Tupinambá: Anônimos (1952, 1953); Guaraní Antigo: Montoya (1876) e Noelli (2019, 2020), Tembé: Boudin (1966, 1978), Zo’é: Cabral, Jennings e Pinto (2019)), e Parintintín: Betts (1981). The Kamayurá data and some Kayabi data were contributed respectively by Paltú Aisanain Kamaiurá and Cristiano Moya Filho, through personal communication. The sources of the Guajajára data come from Cintia Maria Santana da Silva (personal communication) and Harrison and Harrison (2013). The analysis of the data and the etymologies proposals follow methodological steps required by the Historical Comparative Method Kaufman (1990), Campbell (1998, 2013) and Hock (1991).

Keywords: Guajajára. Tupí-Guaraní. Languages and materialities. Linguistic persistence. Comparison and historical reconstruction.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| FOTO 1 – ENTREVISTA COM TÀMUZ VIANA EM SETEMBRO DE 2013. | 16 |
| FOTO 2 – MEL CONSUMIDO DURANTE A FESTA..... | 17 |
| FOTO 3 – MULHER GUAJAJÁRA DANÇANDO NA FESTA DO MEL | 18 |
| FOTO 4 – DISTRIBUIÇÃO DO MEL PELAS MULHERES GUAJAJÁRA..... | 18 |
| FOTO 5 – TÀMUZ VICENTE DURANTE O RITUAL DA FESTA DO MEL | 19 |
| FOTO 6 – ÚLTIMO DIA DA PREPARAÇÃO DA FESTA DO MEL | 19 |
| FOTO 7 – TOCADORES DE BUZINA E MARACÁ | 20 |
| FOTO 8 – MARINA GUAJAJARA E AMIGOS NO LABORATÓRIO DE LÍNGUAS E LITERATURAS INDÍGENAS UNB BRASÍLIA-DF | 21 |
| FOTO 9 – MARINA GUAJAJARA E AMIGOS LALLI-UNB..... | 21 |
| FOTO 10 – TERRAS INDÍGENAS GUAJAJÁRA | 22 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 0. INTRODUÇÃO | 12 |
| 0.1 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS DA PRESENTE DISSERTAÇÃO | 14 |
| 0.2 JUSTIFICATIVA | 14 |
| 0.3 METODOLOGIA..... | 15 |
| 0.4 UM POUCO SOBRE MINHA ATUAÇÃO NA ACADEMIA | 15 |
| 0.5 MINHA CHEGADA AO MESTRADO EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E AO LALLI..... | 20 |
| 0.6 SOBRE O POVO E A LÍNGUA GUAJAJÁRA | 22 |
| 0.7 OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE O GUAJAJÁRA | 23 |
| 0.8 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO | 25 |
| CAPÍTULO I – OS GUAJAJÁRA E AS DOENÇAS, EPIDEMIAS, PREVENÇÕES E MEZINHAS, NA VOZ DE CINTIA MARIA SANTANA DA SILVA..... | 26 |
| 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 26 |
| 1.1 ENTREVISTA COM CÍNTIA MARIA SANTANA DA SILVA SOBRE A PANDEMIA, DOENÇAS E EPIDEMIAS E O O POVO GUAJAJÁRA..... | 27 |
| 1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DA ENTREVISTA | 33 |
| CAPÍTULO II – UMA COMPARAÇÃO DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS, EPIDEMIAS, SAÚDE, PREVENÇÕES E MEZINHAS NAS LÍNGUAS GUAJAJÁRAS, GUARANÍ ANTIGO E OUTRAS LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ | 35 |
| 2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 35 |
| 2.1 CORRESPONDÊNCIAS NA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS | 36 |
| 2.2 ALGUNS ELEMENTOS DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS PRÓPRIAS DO GUAJAJÁRA..... | 54 |
| 2.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CAPÍTULO | 55 |
| CONCLUSÃO..... | 56 |
| REFERÊNCIAS | 57 |

0. INTRODUÇÃO

Esta dissertação é de natureza histórico-comparativa e consiste na comparação de dados linguísticos relativos a doenças e epidemias da língua Guajajára (Tenetehára) com dados do Guaraní Antigo, principalmente, e de outras línguas da família linguística Tupí-Guaraní – Mbyá, Tupinambá, Kayabí, Parintintín, Asuriní do Tocantins, Ka’apór e Zo’é. Dados do Tembé, a língua geneticamente mais próxima do Guajajára, também foram usados na comparação.

Inicialmente esta dissertação havia sido projetada para ser uma comparação de itens lexicais e gramaticais incluídos na lista de Berlin, Kaufman, Carson e Rodrigues (1986), com a finalidade de contribuir para a história da língua Guajajára e o seu posicionamento na constituição interna da família Tupí-Guaraní. Entretanto, com a COVID-19 e as terríveis consequências de sua chegada e alastramento nas terras indígenas do povo Guajajára, “doença e saúde” passaram a ser a maior preocupação das comunidades, tornando-se assunto principal nas interações verbais cotidianas. Em decorrência dessa situação aterrorizante, a linguagem relativa à enfermidade, cura e proteção aflorou nas situações comunicativas do cotidiano, em português e em língua Guajajára, e no caso de nossa língua nativa, sobretudo nas fala dos mais velhos. O destaque das falas sobre essas temáticas foi muito importante para que eu e minha orientadora, com a ajuda de minha mãe, a liderança Cíntia Santana da Silva, conhecedora profunda da língua e da cultura do meu povo, como ela mesma se autodescreve “Sou conhecedora e consumidora do conhecimento do meu povo”, privilegiássemos uma comparação da linguagem sobre a saúde usada pelos Guajajára com a linguagem sobre o mesmo tema usada por falantes de outras línguas Tupí-Guaraní. Essa comparação desenvolveu-se a partir de dados relativos a doenças e epidemias contextualizados em situações motivadas pela afetação da/do COVID-19, que paralisou o mundo e que levou a óbito tantos sábios dos povos indígenas do Brasil.

Tivemos a felicidade de contar com dois estudos sobre a linguagem relativa a doenças e epidemias em Guaraní Antigo, registrada por Montoya em seu *Tesoro de La Lengua Guarani*, de autoria de Francisco Silva Noelli, *Memórias sobre tempos de peste: a linguagem Guarani do século XVII sobre as doenças e epidemias (parte 1)* (2020) e *Memórias sobre tempos de peste: linguagem Guarani das doenças epidêmicas segundo Antonio Ruiz de Montoya (parte 2)*(2021). Esses estudos não só serviram de roteiro e de fonte de dados que motivaram a mudança de orientação da proposta de pesquisa inicial da dissertação, mas a tornaram mais

significativa e atual, permitindo uma comparação de dados contextualizados, os quais refletem a longevidade e a persistência de uma linguagem sobre tema constante na vida de todos os povos, que é a linguagem das enfermidades e epidemias ameaçadoras de sua integridade física e psicológica.

Mas, fundamentalmente, a comparação permitiu que constatássemos não só a persistência da herança linguística Tupí-Guaraní em Guajajára, como também as suas afinidades mais fortes com o Guaraní Antigo e o Mbyá, do que com o Tupinambá, por exemplo. Constatamos também a pobreza dos trabalhos lexicográficos sobre línguas Tupí-Guaraní, que representa uma forte lacuna que impossibilita comparações amplas e aprofundadas das linguagens de um modo geral das línguas da família.

A presente dissertação beneficiou-se também de outro artigo de Francisco Noelli, *Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia guarani através de informações históricas Multiple uses of vegetal species in Guaraní pharmacology through historical information* (1998), o qual aborda a farmacologia Guaraní, um tema aqui considerado, embora com brevidade.

O vocabulário reunido por Noelli nos três estudos citados foi a base desta dissertação, como roteiro da coleta dos dados e organização destes, possibilitando a demonstração de quanto a língua Guajajára permanece forte e conservadora, apesar de ter perdido falantes ao longo de três séculos e meio de contato com o mundo dos “brancos”.

Embora a comparação aqui apresentada dê atenção maior às palavras cognatas e proponha etimologias e reconstrução de *étimos par* para o Proto-Tupí-Guaraní (PTG), ficam evidentes as correspondências gramaticais do Guajajára com o Guaraní Antigo. Por outro lado, as etimologias reforçam a essência linguística e cultural dos povos falantes de línguas dessa família linguística, que persiste por milênios.

O fato da comparação se dá, majoritariamente, com o Guaraní Antigo é decorrente do fato desta língua ser a que apresenta a mais ampla documentação lexicográfica, com exemplos abundantes que recobrem diferentes linguagens da cultura Guaraní. Os demais dicionários existentes sobre as línguas da família são limitados e não exploram com profundidade os diferentes campos do conhecimento dos povos falantes das línguas dicionarizadas.

0.1 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS DA PRESENTE DISSERTAÇÃO

O objetivo geral desse trabalho é demonstrar a persistência, em Guajajára, dos reflexos da linguagem das doenças e epidemias do que teria sido a linguagem correspondente na língua mãe dos povos Tupí-Guaraní.

Objetivos específicos

Esta dissertação tem como objetivos específicos:

- a) Abordar o significado das doenças e epidemias e as relações entre curas e religiosidade para os Guajajáras;
- b) Demonstrar a persistência da linguagem das doenças e epidemias Tupí-Guaraní em Guajajára;
- c) Demonstrar as afinidades maiores entre Guajajára e Guaraní Antigo do que com o Tupinambá;
- d) Mostrar a riqueza das expressões linguísticas relativas à saúde e às epidemias de povos Tupí-Guaraní.

Para que alcançássemos os objetivos específicos, contamos com a colaboração da liderança Cíntia Maria Santana da Silva, que nos ensinou sobre as doenças, epidemias, curas e religiosidade do nosso povo Guajajára. Embora tenhamos abordado esses temas de forma sucinta, reunimos dados importantes que contextualizam a comparação de termos relativos à linguagem das doenças e epidemias do Guajajára com o Guaraní Antigo, e com outras línguas Tupí-Guaraní.

0.2 JUSTIFICATIVA

Esta dissertação é o primeiro estudo linguístico a comparar a língua Guajajára com outras línguas Tupí-Guaraní a partir de uma linguagem relativa a um domínio específico da vida cotidiana do povo, o que já a caracteriza como inovadora no âmbito dos estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní. Ela contribui para mostrar o quanto a língua Guajajára tem sido resistente às interferências externas, as quais se iniciaram há aproximadamente 400 anos (MARQUES, 1970; UBBIALI, 1997; GOMES 2002).

É fato conhecido que, na maioria das nove Terras Indígenas Guajajára, a língua nativa não está mais sendo transmitida para as novas gerações. Por outro lado, há um forte movimento

das mulheres Guajajára em prol do fortalecimento de sua língua e cultura, ao qual associam-se minha mãe, outras mulheres de minha família e eu mesma.

Outro aspecto importante desta dissertação é o de ter sido desenvolvida por uma falante nativa da língua Guajajára, professora formadora de crianças no ensino polivalente das escolas estaduais da Terra Indígena Arariboia - Estado do Maranhão.

0.3 METODOLOGIA

A pesquisa para esta dissertação teve início com a leitura de textos que subsidiariam a análise dos dados. Foram textos descritivos e histórico-comparativos de línguas indígenas brasileiras, principalmente línguas da família Tupí-Guaraní. Posteriormente a bibliografia se expandiu para estudos sobre o método histórico-comparativo e estudos comparativos da família Tupí-Guaraní.

O trabalho de coleta de dados ocorreu ao longo do curso de mestrado e contou com a fundamental colaboração de minha mãe, Cíntia Maria Santana da Silva, e de minha avó materna, Maria Santana da Silva, conhecedoras e guardiãs da língua e cultura do nosso povo. Enquanto eu me encontrava em Brasília, consultava minhas duas professoras Guajajára por meio do WhatsApp, as quais se encontravam na aldeia. E quando regressava à minha Terra, praticava conversas informais com minha avó e com minha mãe, com as quais aprendia mais sobre a língua, história e cultura do meu povo. Por último, minha mãe viajou à Brasília para complementar e corrigir os dados usados na dissertação. Foi a minha mãe quem palestrou sobre as doenças, remédios caseiros e quem contribuiu naturalmente com a comparação da linguagem sobre as epidemias e saúde do Guajajára com o Guaraní Antigo, como já dissemos anteriormente, a partir dos dois estudos de autoria de Francisco Silva Noelli (2020, 2021).

As gravações realizadas em Brasília com a minha mãe foram feitas com um gravador digital Zoom H4n em formato wav (*waveform*), com frequência de áudio de 44.16 kHz. Todos os dados foram transcritos, analisados e guardados no banco de dados de línguas Indígenas do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília.

0.4 UM POUCO SOBRE MINHA ATUAÇÃO NA ACADEMIA

Em 2019, fui procurar o Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília movida pelo meu desejo de aprender sobre análise e documentação de línguas indígenas, para que pudesse aplicar esse conhecimento na minha prática de ensino da língua Guajajára, mas também para contribuir para a formação de professores Guajajára na área da

Linguagem. Havia concluído o Curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Programa Núcleo *Takinahaky* de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás e queria dar continuidade aos meus estudos na área da linguagem.

Com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A Festa do Mel Guajajára: fortalecendo a cultura e socializando saberes”, já havia enveredado pela pesquisa de aspectos importantes de minha cultura. Pesquisei sobre uma das festas mais importantes do meu povo, A Festa do Mel, e contei com a colaboração inestimável de minha comunidade que preparou uma edição da festa unicamente para me ajudar na minha dissertação do TCC. Isto foi para mim um grande incentivo para que eu continuasse meus estudos. Vi nisso um forte incentivo da comunidade, como se quisesse agradecer a mim por eu estar valorizando a nossa cultura. Contei também com a orientação de duas excelentes professoras, Luciana de Oliveira Dias e Rosani Moreira Leitão e, naturalmente, com a minha principal orientadora, sempre, a minha mãe Cintia Maria Santana da Silva.

Foto 1 – Entrevista com Tàmuz Viana em setembro de 2013.



Fonte: Foto de Quesler Camargos Fagundes

No TCC, abordei a origem da festa do mel, a época de sua realização, sua preparação, cantos e personagens, assim como a indumentária usada, e as fases da festa. Segundo a mitologia Guajajára, no passado distante, não havia festa Guajajára, até que certo dia um Tenetehára percebendo que as frutas do seu pé de faveiro desapareciam, fez uma tocaia para matar araras, porque elas estavam comendo as frutas da faveira. Ocorre que, nesse lugar, uma onça costumava extrair mel de uma certa flor. O irmão do índio quis ir no local da tocaia, e ficou impressionado com o número de araras mortas, mas o índio o advertiu sobre a existência

de uma grande onça que frequentava o local da tocaia para extrair mel da flor. Mas o Tenetehára chega ao local, avista a onça e quis matá-la. Mas a onça enraiveceu-se e terminou matando o Tenetehára, arrastando-o para a sua aldeia, e deixando algumas marcas de sangue pelo chão. Quando o irmão deu por sua falta, foi procurá-lo e só encontrou a tocaia destruída e rastros de sangue. Resolveu, então, seguir esses rastros e encontrou na aldeia da onça um morto, mas não o reconheceu como sendo seu irmão. O índio terminou ficando na aldeia da onça e lá aprendeu a festa do mel, da moça nova, a festa do rapaz e a festa do milho. Quando quis voltar para a sua aldeia de origem, não lembrou mais o caminho que levava à aldeia encantada, então permaneceu com seu povo Tenetehára ensinando-o todas as festas que aprendera na aldeia encantada.

A festa do mel é realizada na época do verão. O mel, que não pode ser menos de 20 litros, é coletado pelos homens e guardado em lugar seguro.

Foto 2 – Mel consumido durante a Festa



Fonte: Foto de Santo Guajajara

A festa requer que seja providenciada alimentação para a comunidade, como feijão, carne, arroz e outros alimentos, preparados em local construído exclusivamente para a festa.

Como em todas as festas Guajajaras, nessa festa específica são cantadas inúmeras músicas relacionadas a animais: as músicas do *luxiriri*, *xe rekui amo à no kawi à ra'e*, *aiko no mor*, *kwaxi*, *wyràkakai*, *pànàn*, *ywatewyrá*, *maimumy*, entre outras.

O mestre do cerimonial conduz o ritual e dá as instruções sobre suas regras e sobre as consequências de desobediência a essas regras.

As mulheres que prestam solidariedade aos jovens aprendizes e aos demais homens carentes de proteção são as abelhas-rainha. A foto seguinte é de uma abelha-rainha, afastando abelhas de seu cabelo enquanto dança.

Foto 3 – Mulher Guajajara dançando na Festa do Mel



Fonte: Foto de Quesler Camargos Fagundes

Foto 4 – Distribuição do mel pelas mulheres Guajajara



Fonte: Foto de Quesler Camargos Fagundes

Já a fotografia a seguir, ajuda a compreender que também é fundamental a participação dos cantores, que inclui além do mestre do cerimonial, homens mais experientes que estão sendo preparados para assumir o lugar do mestre, caso seja necessário. Para tomar o mel, os

homens jovens iniciantes devem também cantar, sendo que todos os cantos, de modo geral, devem ser acompanhados pelo coro composto pelas mulheres.

Foto 5 – Tàmuz Vicente durante o Ritual da Festa do Mel



Fonte: Foto de Santo Guajajara

Foto 6 – Último dia da preparação da festa do mel



Fonte: Foto de Quesler Camargos Fagundes

Acompanham as músicas, tocadores de buzinas, feitas de chifre de boi, assim como maracás feitos de cuité.

Foto 7 – Tocadores de buzina e maracá



Fonte: Foto de Quesler Camargos Fagundes

Durante a minha pesquisa da Festa do Mel, aumentou meu interesse pela documentação e fortalecimento da língua e cultura Guajajara, e despontou o meu interesse em estudar linguística, para protagonizar o estudo linguístico de minha língua nativa.

0.5 MINHA CHEGADA AO MESTRADO EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E AO LALLI

Entrei no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília em 2019, ao mesmo tempo em que passei a atuar como pesquisadora indígena no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da mesma universidade. Nesse laboratório, encontrei colegas indígenas falantes de outras línguas Tupí, e com minha colega Kaiowá, Rosileide Barbosa de Carvalho, troquei muitas ideias e realizei pesquisas conjuntas, sempre comparando nossas línguas.

No Laboratório, pratiquei análise fonológica de minha língua, análise gramatical básica, mas o que mais me encantou foi a pesquisa linguística histórico-comparativa. Descobri um mundo fascinante de conhecimentos, aplicando os procedimentos do método histórico-comparativo, aprendendo a identificar palavras cognatas, a organizar etimologias, a estabelecer correspondências sonoras e a propor étimos. Foi muito importante poder entender como se dá a classificação genética das línguas e como as línguas Tupí-Guaraní têm mudado através do tempo.

Foto 8 – Marina Guajajára e amigos no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas – LALLI – UnB – Brasília-DF



Fonte: Foto de Edineia Isidoro – da esquerda para a direita: Tiago Iteor Suruí, Tapí Yawalapíti, Marina Guajajára, Ana Suelly, Gabriel Oliveira e Rose Barbosa. LALLI, 2018

A linguística histórica, inspirada nos trabalhos de Kaufman (1990) e Campbell (1998, 2013) foi o que escolhi como foco do meu trabalho de mestrado, e muito me alegrou o fato de que eu sou a primeira indígena a enveredar por estudos dessa natureza. Com essa dissertação, passei a ficar mais entusiasmada em dar continuidade aos meus estudos nessa área e a contribuir para o conhecimento da história interna das línguas Tenetehára – o Tembé e o Guajajára –, do posicionamento delas no seio da família Tupí-Guaraní, e conhecer quais as línguas que exerceram influência sobre elas e quais as línguas que o Guajajára ou o Tembé influenciaram.

Finalmente, o meu propósito de tornar-me linguista de minha língua tinha um objetivo maior, o fortalecimento de minha língua e de minha cultura Guajajára, pois cada vez mais me convenço do quanto conhecer uma língua linguisticamente é importante para a sua salvaguarda.

Foto 9 – Marina Guajajára e amigos LALLI-UnB



Foto: Edineia Isidoro, LALLI, 2018

0.6 SOBRE O POVO E A LÍNGUA GUAJAJÁRA

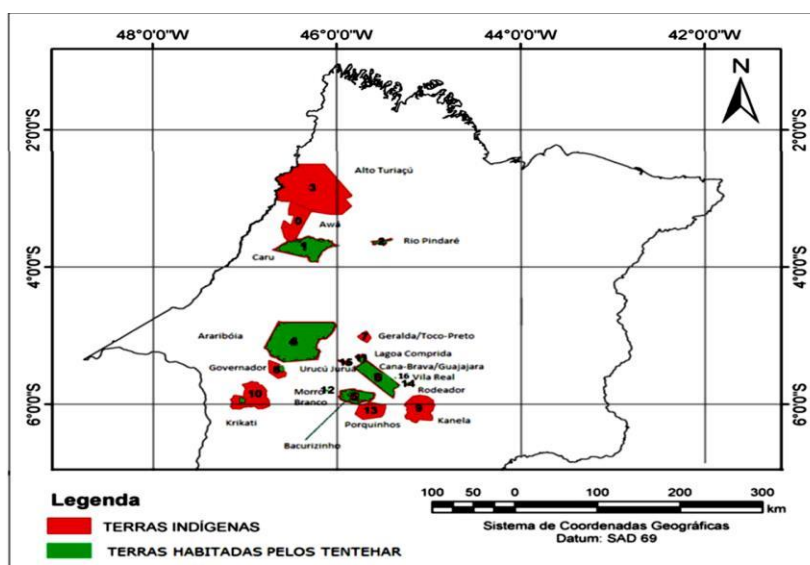
Os Guajajára junto com os Tembé são conhecidos como índios Tenetehára ou *tenteharé* e é um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil, com uma população de aproximadamente 25.000 pessoas. Os Tembé vivem no estado do Pará e os Guajajára no estado do Maranhão. Os Guajajára se distribuem em centenas de aldeias de nove Terras Indígenas, localizadas nos municípios de Amarante, Arame, Barra do Corda, Grajaú e Pindaré. As duas línguas Tenetehára foram classificadas por Rodrigues (1985) como pertencente ao sub-ramo IV da família Tupí-Guaraní, junto com o Asuriní do Tocantins, o Parakanã, o Suruí Aikewára, o Tapirapé, o Awá Canoeiro e o Turiwára.

Os Guajajára vivem em contato com a população brasileira não-indígena há aproximadamente 400 anos (MARQUES, 1970; UBBIALI, 1997; GOMES, 2002), um contato marcado por constantes e graves conflitos.

Mércio Gomes, autor do livro mais denso sobre os Tenetehára (GOMES, 2002), reúne informações históricas que falam dos conflitos vividos pelos Tenetehára em diversos momentos da história do seu contato com os não indígenas.

Apesar de uma história de conflitos com os não-indígenas, e das diversas ameaças à sua integridade física, psicológica e cultural, os *Tentehar* sobreviveram e continuam lutando para manter a sua identidade cultural, suas crenças e tradições vivas e transmitidas para as novas gerações.

Foto 10 – Terras indígenas Guajajára



Fonte: Mapa adaptado de fontes diversas (FUNAI, PPCD-MA, ASS. CARLO UBBIALI) por Almeida (2012, p.29)

Fonte: Almeida (2019, p. 16)

Uma das características mais marcantes do povo Guajajára é a sua religiosidade expressa nos seus rituais, danças, rezas faladas e cantadas e outros cantos. Almeida (2019) descreve o ser e estar dos Tenetehára no mundo como um constante desafio:

Ser e estar no mundo exige dos Tentehar muito talento para lidar com os vários desafios da disputa pela ocupação das posições que lhes favoreçam a sobrevivência. Disse no capítulo introdutório da aguda percepção dos Tentehar quando expandiram seus territórios da região do Pindaré em direção ao Médio Mearim, frequentemente, aproveitando-se dos “espaços vazios” (GOMES, 2002) deixados pela guerra entre brancos e índios de outras etnias, notadamente, povos Jê. Essa memória dos tempos de guerra aciona uma faceta específica da sagacidade tentehar que envolve o uso de poderes espirituais como ferramentas de defesa e combate, neste caso, o uzegaraiw. Trata-se de uma arte quase esquecida, mas ainda utilizada por iniciados que recebem revelação dos maíras para aplacar a valentia alheia. Os espíritos dominam os poderes necessários que são transferidos aos que se abrem “às coisas da cultura”, como gostam de dizer os mais experientes. O uzegaraiw, portanto, é a arte de cantar para confundir inimigos (uzàmàtyry'ym). O canto – que pode ser interpretado também como uma reza – torna o guerreiro invisível aos olhos do opositor, e, mais do que isso, amansa-o, tornando-o fácil de dominar ou exterminar. “Ezur eruapyk nepuzukaiw haw xe” canta o iniciado à chegada do oponente. (ALMEIDA, 2019, p. 75-76).

Gomes (2002, p. 586), na conclusão do seu livro “O Índio na História” diz sobre o meu povo que nós vivemos “...essa vida indígena, autônoma, centrada em si mesma, mas não se iludem de que estão inseridos numa dinâmica político-cultural, a nação brasileira, muito mais potente e ameaçadora à sua integridade étnica do que jamais antes experimentaram”. Sim, vivemos, hoje, sob constante ameaça de perda de nossos direitos, de nossa terra e de nossa integridade física e psicológica.

0.7 OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE O GUAJAJÁRA

Tabita Fernandes da Silva, em sua Tese de Doutorado (2010) já faz um levantamento dos estudos linguísticos sobre as línguas Tenetehára, Tembé e Guajajára, utilizando levantamento anterior, feito por Scröder (2002) e contribuindo com o seu próprio levantamento. Das obras inventariadas sobre o Guajajára destacam-se as seguintes: as inventariadas por Scröder (*apud* SILVA, 2010): “Vocabulare der Guajajára und Anambé” (EHRENREICH, 1894), “Guajajarisch” (NIMUENDAJU, 1935), “Vocabulary of the Guajajára Dialect” (ROBERTS E SYMES, 1936), “Notes on Guajajára” (GUDSCHINSKY, 1959), “Vocabulário de quatro dialetos dos índios do Maranhão: Guajajára, Canela, Urubu e Guajá” (CRUZ, 1972), “A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajára” (SOARES, 1979), “Typology disharmony and ergativity in Guajajára (HARRISON, 1983)

“The interplay of causative and desiderative in Guajajára” (HARRISON, 1995), “Hierarchical structures in Guajajára” (BENDOR-SAMUEL, 1967, 1972), “Notes on Guajajára” (BENDOR-SAMUEL, 1970).

Na última década vários foram os trabalhos acadêmicos sobre o Guajajára, todos orientados pelo Prof. Fábio Bonfim Duarte, além de uma trintena de artigos de sua autoria, de autoria de seus alunos individualmente, ou trabalhos em coautoria. Citamos aqui parte significativa dessa produção: “Incorporação nominal e aspecto lexical em Tenetehára” (CASTRO, 2020a), “As propriedades sintáticas do aplicativo na língua Tenetehára-Guajajára (Tupí-Guaraní)” (CAMARGOS, 2020), “Izipi mehe: ciber caminhos linguísticos e literários para a Preservação da cultura Tenetehára” (CASTRO, 2020b), “O estatuto dos sintagmas posposicionais em Tenetehára (Tupí-Guaraní)” (CASTRO, 2019), “O epifenômeno da alternância de valência na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní)” (CASTRO, 2013), “Exploring agreement displacement from the Internal to the External Argument in the Tenetehára language (Tupí-Guaraní family)” (CAMARGOS, 2017), “A sintaxe e a morfologia das nominalizações na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní)” (CAMARGOS, 2016), “O parâmetro 'Agregação de Voice' e as funções de v-zinho em quatro línguas indígenas brasileiras” (CAMARGOS, 2015), “Morfemas causativos nas línguas indígenas brasileiras” (CAMARGOS; CASTRO, 2015), “Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára” (DUARTE, 2006), “A predicate-fronting language” (DUARTE, 2012), “The Split-S System and the Source of The Absolutive Case in Tenetehára” (DUARTE, 2017), “Estruturas interrogativas polares e informacionais na língua Tenetehára-Guajajára (Tupí-Guaraní)” (CAMARGOS; CASTRO; GUAJAJÁRA, 2020), “Os Tenetehára e a festa da menina-moça: os trajes tradicionais e seus significados” (CAMARGOS; CASTRO; GUAJAJÁRA, 2019), “Estatuto gramatical do morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (Tupí-guaraní)” (CAMARGOS, 2014), “Partículas de Final de Sentença (PFSs): uma análise Cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára” (CAMARGOS; CASTRO; TESCARI NETO, 2019), “Estruturas causativas, reflexivas, recíprocas e anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára (Família Tupí-Guaraní)” (CASTRO; CAMARGOS, 2018), “Antipassive structure in Tenetehára (Tupí-Guaraní family)” (CASTRO; DUARTE; CAMARGOS, 2017), “Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní)” (CASTRO; CAMARGOS, 2014), “Paralelismo entre DP e CP a partir das nominalizações na língua Tenetehára” (CASTRO; CAMARGOS, 2013), “Estruturas antipassivas em Tenetehára” (DUARTE; CAMARGOS; CASTRO, 2014), “On the semantic properties of mass and count

nouns in Guajajára (Tenetehára)” (CHAMORRO, PILAR; BONFIM DUARTE, FÁBIO, 2020), “Estudos de Morfossintaxe Tenetehára” (DUARTE, 2007),

Há ainda os livros “Coletâneas de narrativas Guajajara” (DUARTE; SILVA; CAMARGOS; CASTRO; GUAJAJARA, 2018) e “Interpretação de textos e atividades gramaticais na língua Guajajára” (CAMARGO; DUARTE; GUAJAJÁRA; SILVA; CASTRO, 2018).

Finalmente, há dois artigos publicados em revistas científicas escritos em coautoria por duas mulheres linguistas Guajajaras: “A mulher Tenetehára contemporânea: identidade étnica, gênero e movimentos sociais” (SILVA; MARTINS, 2019) e “Notas sobre a voz causativa-comitativa em Kaiowá e Guajajára”, publicada na Revista Brasileira de Linguística Antropológica (CARVALHO e GUAJAJÁRA, 2018). Há, até o presente, duas dissertações de mestrado profissional de autoria de linguistas indígenas, “Linguagem e identidade: a mulher Tenetehára contemporânea e sua relação com os movimentos sociais”, por Cíntia Maria Santana da Silva (2018) e “Aspectos da estrutura do Ze’egté: estudo da língua do povo Tenetehára-Guajajára”, por José Wilhame Pinto de Araújo (2013).

Esperamos que novos estudos de autoria de linguistas Tenetehára venham lançar novas luzes sobre a nossa língua e sobre a nossa história e pré-história linguística e cultural.

0.8 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação encontra-se assim organizada: Uma Introdução com apresentação do trabalho, objetivos, justificativa, metodologia, observações sobre o povo e a língua, considerações breves sobre os estudos linguísticos das duas línguas Tenetehára. O Capítulo 1 apresenta ensinamentos sobre a saúde, as doenças, epidemias, prevenções e tratamentos na cultura Guajajára, ensinados pela liderança Cíntia Maria Santana da Silva, uma das mais importantes guardiãs da língua e cultura do seu povo. O Capítulo II apresenta um estudo histórico-comparativo e reconstrutivo de parte da linguagem das doenças, epidemias e temas correlatos, pondo em evidência a língua Guajajára e sua persistência histórica. Segue a conclusão e as referências. Um anexo apresenta fotos e links de vídeos realizados na pesquisa de campo.

CAPÍTULO I – OS GUAJAJÁRA E AS DOENÇAS, EPIDEMIAS, PREVENÇÕES E MEZINHAS, NA VOZ DE CÍNTIA MARIA SANTANA DA SILVA

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo trata das doenças, epidemias, saúde, prevenções e mezinhas na cultura dos Guajajára. O conteúdo aqui apresentado tem como fonte a liderança mulher Guajajára, Cintia Maria Santana da Silva, mãe da autora deste trabalho e nossa principal colaboradora, ou melhor, no nosso entender, uma das coautoras da presente dissertação. A professora Cíntia é uma liderança reconhecida como guardiã da língua e cultura do povo Guajajára. Ela nos concedeu uma entrevista, que aqui reproduzimos na íntegra. Decidimos privilegiar seus ensinamentos, diretamente da sua fala gravada e transcrita, ao invés de dissertar sobre ela. Consideramos mais justo e didático apresentar, assim, a entrevista que fizemos com ela, como conteúdo do presente capítulo, sem modificar em nada a sua linguagem e os seus ensinamentos.

Consideramos este capítulo a base para o capítulo 2. São os ensinamentos de Cíntia que motivam e alimentam a importância da reconstrução de étimos relativos a doenças, epidemias, prevenções e tratamentos, os quais, por sua vez, lançam luzes sobre aspectos importantes da pré-história dos Tenetehára e dos povos Tupí-Guaraní. A força Guajajára que emana da fala de Cíntia está também presente na preservação dos elementos linguísticos compartilhado em Tenetehára e em línguas de outros povos Tupí-Guaraní, principalmente com o Guaraní Antigo.

É impressionante como um povo de uma história de contato com tantos conflitos com não indígenas e também com outros povos nativos, a exemplo de povos Jê, e que sofreram tantas investidas proselitistas de diferentes religiões, consigam manter uma língua reveladora de tantos elementos conservadores. Tudo isso corresponde, naturalmente, ao que tem sido chamado de “persistência”, tão claro nos trabalhos de Noelli (2019, 2020, 2021), de Noelli e Sallum (2019) e de Cabral, Noelli e Sallun (2019), quando abordam as transformações de práticas culturais Tupí-Guaraní a partir do contato dos indígenas com europeus, explorando essa ideia de persistência, distinguindo-a do simples significado de continuidade, por implicar dinamicidade histórica das práticas ressignificadas ao longo do tempo.

No caso de linguagens sobre campos de conhecimentos que envolvem sensações, qualidades e ações em grande profusão, como o das doenças e epidemias, as práticas se manifestam por meio de rituais com regras rígidas, acompanhados de danças, músicas instrumentais e farmacologia, embora transformados e ressignificados ao longo de séculos e

mesmo de milênios, revelando na linguagem, a persistência de um povo consciente de sua identidade e de seus valores próprios que os fortalece enquanto povo diferenciado.

A COVID-19, por exemplo, atesta um dos momentos da história dos Tenetehára em que eles precisaram retomar conhecimentos guardados na memória dos mais antigos, reinventando-os para se prevenirem e se curarem da terrível e avassaladora doença.

Os Tenetehára se refugiaram em suas terras, procuraram os remédios antigos junto aos seus anciões e fortaleceram ao mesmo tempo os seus rituais, o ritual do mel, da moça nova e dos rapazes. Assim, no momento do caos, a retomada da medicina tradicional vem junto com a retomada dos rituais que se intensificam.

E nessa busca por conhecimentos antigos para prevenir e tratar doenças e suas consequências, são as mulheres que têm tido papel fundamental, pois são elas que procuram as outras mulheres, as mais velhas, e que não somente rearticulam os saberes tradicionais, como os ressignificam, acrescentando novos componentes às suas mezinhas, e transmitindo esse conhecimento para as novas gerações que as seguem nas práticas dos saberes dos antigos.

A entrevista de Cíntia diz tudo isso e, principalmente, ressalta a fortaleza das mulheres Guajajára, guardiãs da língua e cultura do povo.

Apresentamos, em seguida, a entrevista com Cíntia.

1.1 ENTREVISTA COM CÍNTIA MARIA SANTANA DA SILVA SOBRE A PANDEMIA, DOENÇAS E EPIDEMIAS E O O POVO GUAJAJÁRA

Marina e Ana Suelly:

– Profa. Cíntia, fale um pouco sobre você, por favor!

Profa. Cintia:

– Eu sou de Lagoa Quieta, Terra Indígena Arariboia, município de Amarantes, estado do Maranhã. Tenho 52 anos e sou professora e liderança. Estou em Brasília para contribuir com o trabalho de minha filha para o fortalecimento e valorização da Língua Guajajára.

Marina e Ana Suelly:

– O que seria ser saudável, ter saúde em Tenetehára.

Profa. Cintia:

–Ter saúde, ser saudável, no meu ponto de vista é a gente estar em nosso *tekoháw*, no nosso território demarcado, a nossa segurança alimentar boa, né? Com nossas frutas nativas, nossa floresta em pé, nossas caças, nosso rio, nossos peixes e nossas plantas medicinais; nossa

língua, nossos rituais, nossas festas, nossas danças, nossa pintura e nosso artesanato. Isso aí eu considero, aí sim, a gente considera saudável.

Marina e Ana Suelly:

– O que foi e o que está sendo o Corona vírus no contexto dos povos da sua região e especificamente dos Guajajára?

Profa. Cintia:

– Essa é uma doença que veio, que nós, povos indígenas, especificamente os Guajajaras, e que não foi diferente de outros povos, a gente não estava esperando essa doença, não estávamos preparados para enfrentar esse vírus, até porque as outras doenças mais comuns já estavam sendo amenizadas, por conta da vacina também né? Que não existia mais já o sarampo, a coqueluche, a catapora, a lastrina, já nem se via mais falar né? Aí, de repente, veio esse Corona vírus que veio mudar a vida, a nossa vida dos Tenetehára né? E trouxe assim uma grande preocupação; muitos parentes, a gente perdeu; alguns parentes, porque não estavam preparados. A gente não tinha aquele hábito já de ficar em casa, ficar só em casa né? Porque os parentes gostam de festas, de participar de festa né? A gente é muito festivo né? O povo Guajajára é um povo, assim, que gosta de estar em festas. E a doença é muito grande para nós lideranças e para o povo. Aí ficou difícil, assim, a gente dizer que é para ficar em casa, para não ir na cidade, tivemos algumas necessidades de ir na cidade. Foi um enfrentamento muito grande para nós. Foi um desafio muito grande para nós lideranças e para povo Guajajára, do Araribóia, falando especificamente do Araribóia.

Marina e Ana Suelly:

– Quais as terras em que a cultura e a língua estão mais fortalecidas.

Profa. Cintia:

– Falando especificamente de Araribóia, porque a gente conseguiu manter a nossa festa, a única região que ainda faz a festa do mel, que é uma festa que socializa todo o povo Guajajára, temos a festa do rapaz, que é a festa de passagem, a festa da menina moça, ritual da menina moça e do mel, essas festas que a gente faz né. Eu considero que os Guajajára do Coração da Mata, que moram mais para dentro da floresta, eles mantêm a língua bem forte ainda, né.

Marina e Ana Suelly:

– Muita gente saiu da aldeia, da T.I. Arariboia, ou ficava mais reservada?

Profa. Cintia:

– Os mais velhos ficaram mais reservados. Mas eram os jovens, eles não tinham noção, do perigo, e aí ficavam vindo na cidade, jogando futebol nas outras aldeias, e aí a gente teve aquela grande preocupação de cuidar do nosso povo, por meio de orações, rezas, né? A gente buscou como que o nosso povo, nossos ancestrais vinham se cuidando, né? Comecei a perguntar a minha mãe como que era né? Qual tipo de proteção que a gente fazia, e a gente fez os banho pros jovens, pras crianças, fomos buscar as plantas, buscar a cura, prevenção nas plantas, como a quina né? O cumaru, a copaíba, o óleo da copaíba, a gente fez muitos chás quentes, fez xarope naturais, e as cascas de pau, as raízes, os leites, e as sementes mesmo. Virou um hábito, uma prática dos nossos filhos; os jovens tomar chá, chá quente, fazer os banhos com ervas, os banhos de proteção, de cura.

Marina e Ana Suelly:

– Você pode explicar sobre as orações, o que elas dizem? São muitas orações?

Profa. Cintia:

– São poucas. Antes da chegada do evangelho nas aldeias, o povo Guajajára tinha uma forma de pedir proteção diretamente ao céu, diretamente ao Deus, né? Ao nosso pai e nossa mãe, e quando chegou a pandemia, que chegou o vírus, a gente se apegou, né? Com rezas com a força dos nossos ancestrais, e a gente fez os cantos, os maracás, as plantas medicinais, nossa alimentação, e como ficou difícil da gente ir para a cidade, a gente voltou a buscar as nossas comidas nativas, aquilo que a gente se alimentava, a gente voltou a buscar. Como ficou difícil de ir à cidade, a gente voltou a buscar as nossas comidas nativas.

Reza para pedir proteção e cura

1a parte (cantada)

epírɔiró

ne raɔirə wə sirú

epírɔiró

ne razirə wə sirú

purahúrahúkatú

ne raɔirə wajkó wə

επίρωιρό
ne razírə wə sirú
επίρωιρό
ne raʔírə wə sirú

2ª parte (falada)

φύυ
επίρωιρό
ne raʔírə iwəŋ rú
si rú
επίρωιρόηατί
ne raʔírə wə ne razírə wə hehí
επίρωιρόηαtu purahúrahúkatú rikó
ahí na muité
mukatu ne raʔírə wə

A profa. Cintia explica:

É uma das orações que poucos jovens sabem, apenas os mais velhos. Essa reza é quando estamos em momentos difíceis, é um pedido ao criador, pedindo pelos filhos e filhas. A gente acredita que é uma reza antiga, que não precisa do maracá. Só a pessoa habilitada pode cantar, como eu e outras pessoas. Um canto rezado. Na minha aldeia só eu canto.

A minha mãe canta as rezas que ela alcançou também, ela diz que é para Nossa Senhora, pra mãezinha, que, houve uma época que foi quando a pombinha veio, tem um sinal de quando a mãe de Jesus andou na terra. Os Guajajára acreditam nessas rezas também que eles dizem que é para a mãezinha e o paizinho, e minha mãe tem esse conhecimento, essa religiosidade.

Marina e Ana Suelly:

– Você pode dizer os nomes das doenças conhecidas dos Guajajára?

Profa. Cintia:

– Sim!

akú ‘febre’,
maʔéahí ‘doença’

| | |
|-----------------------|--|
| <i>tatapóra</i> | ‘catapora (porque parecia queimadura de fogo)’ |
| <i>zərím</i> | ‘sarampo’ |
| <i>uʔúpukú</i> | ‘coqueluche’ |
| <i>tieraí</i> | ‘diarreia’ |
| <i>tíziwír</i> | ‘infecção urinária’ |
| <i>iʔái təzún</i> | ‘papeira’ |
| <i>izeʔéŋə miáw</i> | ‘infecção nas amídalas’ |
| <i>uʔú</i> | ‘tosse |
| <i>iəsám</i> | ‘espirro’ |
| <i>tarútarú</i> | ‘impingem’ |
| <i>huhúk</i> | ‘vômito’, |
| <i>uhuhúk</i> | ‘ele vomita’ |
| <i>piruʔá</i> | ‘calo’ |
| <i>peréw</i> | ‘ferida’ |
| <i>piʔahí</i> | ‘doença do fígado’ |
| <i>kwararéra rahí</i> | |
| <i>kəŋahí</i> | ‘dor de cabeça’ |
| <i>maʔéahi tiró</i> | ‘(DST), Gonorreia e outras doenças desconhecidas ’ |
| <i>takúpukú</i> | ‘malária’ |
| <i>ipərí</i> ou | |
| <i>uataʔim maʔé</i> | ‘deficiente físico’ |

Essas são algumas das doenças. Mas tem muitas outras que a gente conhece.

Marina e Ana Suelly:

– Há rezas para essas doenças?

Profa. Cintia:

– A gente tem várias rezas. Temos a mesada, né? Que a gente antigamente [...], ainda faz, algumas, em algumas aldeias, né? Ainda faz ainda, quando a pessoa tá doente, a mesada é a comida; chama todo mundo para participar daquele banquete, que é para oferecer para os *ànàm* né, para receber a cura, ou outra forma é para quando receber o benefício e vai agradecer, né? Aí faz a mesada. A mesada tem a ver com a alimentação, a comida, né? Se tem uma pessoa

doente, tem que ter um rezador para rezar, pois a comida será oferecida aos *ànàm*¹. São os parentes que fazem a comida. Pode ser galinha caipira, carne de porco, mas tem que ter bastante fruta. Faz aquele banquete e reza em volta, reza cantada e dança em volta as rezas cantadas, cantam as músicas do paizinho e da mãezinha e a comida é oferecida.

O povo Guajajára tem essa reza cantada, eu por meio dessa reza eu alcancei meu vô, ele cantando para paizinho do céu. falando que a casa dele é bonita, que ele é muito poderoso e respeitado. A mãezinha é nossa Senhora. Ela é quem protege os filhos, né? Assim como o paizinho ele é protetor, ele cura e é muito forte. Recentemente eu vi uma tia minha ensinando para a gente. Estão querendo repassar esses conhecimentos para mim, né? E ela disse que São Pedro, né? Eu nunca tinha visto assim pedir para São Pedro. Ela pediu para São Pedro, tinha um lago que estava secando, aí ela pediu, ela reza para papaizinho e para São Pedro na língua e aí começou a chover; encheu o lago que voltou a ter água, aí ela agradeceu através do canto. E pediu que a gente conseguisse um cacimbão lá para ela.

Os cantos, né? Os cantos são muito fortes para nós, os cantos, as músicas cantadas que são as rezas cantadas, né? Refere-se a um pedido, qualquer pedido que meu povo queira, alcançar, eles pedem, né? Pra *né hí* ‘sua mãe’ e a mãezinha *ipé* ‘para ela’, paizinho *pe nón zehára ikatuháw* ‘para paizinho também com o canto bonito’, pede as coisas boas, paizinho pede a cura, se quer que você ajuda qualquer necessidade, eles pedem através do canto.

Assim, *Zeháraíw* ‘canto ou música má, ruim’, é quando há muita queimada, pois acalma tempestade. O canto *iwitúaiw* ‘vento mau, ruim’ é para que a chuva venha em paz, com alegria e não com danos.

Além da medicina tradicional, a gente cura através do canto, a gente sente a força sobrenatural. Falando de nossa medicina tradicional, nesse período da pandemia, eu me lembrei de uma planta muito poderosa, *uhaka’á* ‘negramina’ (*Siparuna guianensis*)², que é uma planta muito poderosa que a gente faz o banho para afastar a energia negativa, doença, maus-olhados. A *zapukáj ka’á* que é alfavaca (*Ocimum campechianum*), serve para banhos e cheiro verde. O *iwikupá* ‘açafreão’ (*Curcuma longa*) faz um *mupitúpitú* ‘ungir o corpo com algo e rezando ao

¹ Ànàm é mãe d'água ou espírito que mora nas profundezas dos rios.

² “Esta espécie é conhecida por vários nomes populares de acordo com o país e/ou região de distribuição no Brasil. No cerrado dos estados de Mato-Grosso e Goiás, é conhecida pelo nome de negramina (Carmona & Guarim Neto, 2001; Souza & Felfili, 2006) e, no cerrado de Minas Gerais além de negramina (Rodrigues & Carvalho, 2001), é conhecida como folha-santa (Herrmann et al., 1998) e marinheiro (Souza et al., 2007). No Pará é chamada de capitú (Alvino et al., 2005), mata-cachorro e catingoso (Martins Filho, 2006). No Paraná, é conhecida por capitú, limão-bravo e cicatrizante-das-guianas (Furtado, 2006). No Distrito Federal, é chamada de limão-bravo (Viani & Rodrigues, 2007) e erva-santa (Pereira & Silva, 2008). No interior de São Paulo, é chamada amescla-de-cheiro (Rodrigues, 1999; Approbato & Godoy, 2006) e mata-cachorro (Cielo Filho & Santin, 2002). Em Pernambuco, é conhecida como jaqueira (Costa Jr. et al., 2007) e catingueira-de-paca (Lôbo et al., 2007) e no Rio de Janeiro, como fedegoso (Christo et al., 2006), entre outros. “(VALENTINI; RODRIGUEZ-ORTIZ; COELHO, 2010).

mesmo tempo’, a gente faz com urucu (*Bixa orellana*) para evitar problema de pele, do corpo. O *zenipaw* ‘jenipapo’ (*Genipa americana*), quando surgiu o vírus, muitos sonharam com os ancestrais que era para nós nos pintar com *urukú* e *zenipaw*, que era quando o vírus passasse, fugisse da gente. O *uhaka?á* tira febre, dor de cabeça, a gente faz o banho de vapor, põe a folha para ferver, tira do fogo e põe um pano (abafando). Serve também para tempero.

Como anti-inflamatório para a garganta, usamos a sucupira (*Pterodon emarginatus*); água de *muku?íw* (*Virola sebifera*) é usada para limpar sapinho da boca de crianças e velhinhos. E tem também o cerol, que se faz um defumador contra mordida de cobra, dor de cabeça, no resguardo da moça nova, para afastar os males. Na mordida de cobra, o defumador impede que o veneno suba para a cabeça. O sumo, a folha pilada, serve para o pulmão, seve para gastrite; já o sumo do algodão, do gervão e do mastruz serve de antibiótico. É um regulador, limpa o parto, e a copaíba, a gente fez muito chá de sua folha, *Kupa’íw zaniró* (*Copaifera langsdorffii*).

Guajajara, desde antiguidade, considera a *zanirów* ‘andiroba’ (*Carapa guianensis*) curativa e preventiva.

1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DA ENTREVISTA

Nessa entrevista, a profa. Cintia nos ensina não só sobre as doenças, epidemias, métodos preventivos e mezinhas com respeito ao povo Guajajara, mas também nos leva à história e pré-história do povo Guajajara, sugerindo que em épocas de pandemias, sempre recorriam aos conhecimentos dos ancestrais, atualizando-os e reincorporando-os nas suas práticas terapêuticas e religiosas:

A gente buscou como que o nosso povo, nossos ancestrais vinham se cuidando, né? Comecei a perguntar a minha mãe como que era né? Qual, que tipo de proteção que a gente fazia, e a gente fez os banhos né?...quando diz ‘...como ficou difícil da gente ir para a cidade, a gente voltou a buscar as nossas comidas nativas, aquilo que a gente se alimentava, a gente voltou a buscar.’ (excerto da entrevista com Cintia, Brasília, 2021).

Francisco Silva Noelli (comunicação pessoal) nos esclarece que, com respeito ao Guaraní, “A lista de terapias, indiretamente, mostra que os Guaraní tiveram que pesquisar, desde o período colonial.”, como deixa explícito em seu estudo “Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia guarani através de informações históricas (*Multiple uses of vegetal species in Guarani pharmacology through historical information*)”:

...para criar novas fórmulas medicinais contra as moléstias introduzidas pelos europeus, tal como as doenças venéreas, tuberculose, gripe, varíola, sarampo, entre outras. Apesar de já existirem pesquisas sobre percepção, conhecimento e terapias de alguns povos sul-americanos em relação às "doenças de branco"

(p. ex.: Gallois, 1991; Langdon, 1991, 1994; Conklin, 1994), ainda não sabemos especificamente como os guaraní combatem e representam as moléstias que evoluíram fora do continente americano, na África, Ásia e Europa. (NOELLI, 1998, p. 180).

Cíntia, por sua vez, nos ensina sobre a relação terapias e religiosidade e a importância, não só dos conhecimentos milenares, transmitidos através de gerações, como também da associação desses conhecimentos com a música, os cantos, a dança e a fartura nas prevenções e métodos de cura do povo Guajajára.

A entrevista com Cintia nos faz conhecer o importante papel da mulher na guarda dos conhecimentos tradicionais do povo Tenetehára. São elas as principais protagonistas na pesquisa dos conhecimentos antigos e na sua retomada e revitalização. Elas são modelos para os jovens que as seguem na qualidade de guardiães da aspectos fundamentais da riqueza cultural do povo.

Finalmente, Cintia mostra em seu discurso, que antes de serem evangelizados por evangélicos, sofreram pela ação de religiosos católicos, e que sua religiosidade é um amálgama de sua religiosidade milenar e das demais religiões que tentaram, em vão, interferir no modo de ser desse povo Tupí-Guaraní.

No capítulo seguinte, fazemos uma comparação da linguagem das doenças e epidemias do Guaraní Antigo inventariada por Francisco Silva Noelli, a partir do “Tesoro de la Lengua Guarani”, de autoria do Pe. Luiz de Montoya, em seus artigos, “Memórias sobre tempos de peste: a linguagem Guaraní do século XVII sobre as doenças e epidemias (parte 1)” (2020) e “Memórias sobre tempos de peste: linguagem Guaraní das doenças epidêmicas segundo Antonio Ruiz de Montoya (parte 2)” (2021). Como mencionamos anteriormente, incluímos na comparação, dados do Tupinambá, do Asuriní do Tocantins, do Tembé e do Kayabí, mas são dados escassos, uma vez que os materiais existentes sobre essas línguas pouco destacaram a linguagem sobre doenças e epidemias, como fez Montoya.

CAPÍTULO II – UMA COMPARAÇÃO DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS, EPIDEMIAS, SAÚDE, PREVENÇÕES E MEZINHAS NAS LÍNGUAS GUAJAJÁRAS, GUARANÍ ANTIGO E OUTRAS LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, damos sequência aos ensinamentos de Cíntia Maria Santana da Silva, apresentamos uma comparação de dados linguísticos relativos a doenças, epidemias, prevenções e tratamentos da língua Guajajára, com dados cognatos do Guaraní Antigo, Mbyá-Guaraní, Tupinambá, Asuriní do Tocantins, Kayabí, Parintintín e Kamayurá, Zo'é, Guajá e Ka'apór, com a finalidade de demonstrar o quanto a língua Guajajára é conservadora com respeito à linguagem herdada do ancestral das línguas Tupí-Guaraní, com qual língua o Guajajára mais se aproxima com respeito a essa linguagem e, por outro lado, contribuir com a reconstrução de étimos de termos relativos a doenças, epidemias, prevenções e tratamento, que fariam parte do repertório linguístico do Proto-Tupí-Guaraní, ou de outras proto-línguas que representam pontos de cisão no modelo de diversificação da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES E CABRAL, 2002). Queremos mostrar fundamentalmente, o lado conservador do Guajajára, ou melhor, a persistência dos seus conhecimentos milenares, apesar dos 400 anos de contato com os não indígenas, que tentaram assimilá-los ao seu modo de ver o mundo.

Queremos mostrar essa força Tenetehára que persiste fortemente e que, como mencionamos no capítulo anterior, é sempre presente nos momentos de crises e caos, como nas epidemias, movendo-os a buscar junto aos mais velhos os conhecimentos tradicionais e que, de posse desses conhecimentos, se renovam e se fortalecem, enquanto Tenetehára.

A comparação nos leva a enxergar uma maior proximidade do Guajajára com o Guaraní Antigo, mais do que com as demais línguas incluídas na comparação. Mas devemos considerar esses achados com precaução, visto que as fontes consultadas da maioria das línguas são incompletas e algumas delas ainda muito pobres de dados.

Ressaltamos que este capítulo foi desenvolvido a seis mãos, tendo-me como protagonista, minha mãe, Cíntia Maria Santana da Silva como coadjuvante, fonte dos dados e esclarecedora dos seus significados, assim como contextualizadora desses dados. Finalmente contou com a expertise da Profa. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que me iniciou nos estudos histórico-comparativos e que contribuiu significativamente com a análise comparativa aqui apresentada.

Os dados estão organizados da seguinte maneira. Primeiramente é apresentada a etimologia com a reconstrução do étimo. Quando o significado de um tema diverge do

significado das demais línguas, acrescenta-se esse significado seguindo o tema. Abaixo das etimologias, apresentamos exemplos do Guaraní e do Guajajára. eventualmente acompanha construção correspondente do Tembé.

Não incluímos exemplos de outras línguas, por falta de dados. No final do capítulo, tecemos considerações sobre as construções compartilhadas e as não compartilhadas pelas línguas comparadas.

Os dados utilizados na comparação têm como fontes: Caldas (2012) para o Ka'apór; Weiss (1998) para o Kayabí; Anônimos (1952, 1953) para o Tupinambá; Montoya (1876), Noelli (2019, 2020) para o Guaraní Antigo; Boudin (1978), Silva (2010) e (Carvalho, (2001) para o Tembé; Cabral, Noelli e Sallun (2019), para o Zo'ê; e Betts (1981) para o Parintintín. Os dados do Kamayurá e alguns dados do Kayabi foram contribuições respectivamente dos pesquisadores Paltú Aisanain Kamaiurá e Cristiano Moya filho, por meio de comunicação pessoal.

2.1 CORRESPONDÊNCIAS NA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS

Segundo Noelli (comunicação pessoal), em Guaraní Antigo, os pajés eram “os médicos ou sábios conhecedores da natureza e da alma humana”. Homens e mulheres podiam ser pajé, mas o termo pajé para homem era não marcado para gênero, enquanto que aplicado à mulher, recebia o atributo *kuñã*, *pajé kuñã*. Em Guajajára, não há, na atualidade, mulheres pajés, apenas homens pajé, embora as mulheres pratiquem o uso das plantas e rezas para tratamento das enfermidades do corpo *teté* e da alma *tekóej*. Entretanto, Boudin (1966) registra a expressão *kuzá-pazé* em Tembé (BOUDIN, 1978, p. 111). Provavelmente a *kuzá-pazé* teria existido também em Guajajára, mas desaparecido, por influência da presença missionária entre eles. Por outro lado, segundo Cintia, ser *pazé* envolve outros atributos que são restritos ao homem.

Em Asuriní do Tocantins, apenas homens podem ser pajé, e o que tudo indica também em Kayabí. Já em Kamayurá, a pajelança é exercida por homens e mulheres (JUNQUEIRA, 2013)

Iniciamos a nossa comparação com a reconstrução do termo pajé, seguindo Noelli, mas não o seguimos quanto à apresentação das linguagens do Guaraní por campos semânticos, visto que, para o trabalho histórico-comparativo, exemplos de expressões cognatas, devem ser preferencialmente reunidos e numerados em listas, ou organizados em etimologias. Assim por exemplo, o termo para ‘dor’, nos trabalhos de Noelli encontra-se em diferentes campos

semânticos, desde dor, ‘doença’ a dores de ‘doenças específicas’. Na nossa comparação, os exemplos com o termo para ‘dor’ são reunidos seguindo a etimologia do étimo ‘dor’.

Observamos que as traduções dos exemplos retirados de Montoya estão em espanhol, exceto os exemplos para os quais o autor não forneceu tradução. Nesses casos, a tradução está em português.,

PTG *pajé ‘médico, curador espiritual’

| | |
|------|------------|
| GA | pajé |
| Kb | pajé |
| Gjr | ipaze maʔé |
| Tmb | pazé, padé |
| As-T | pasé |
| Tb | pajé |
| Km | pajé |

PTG *pajé kujã ‘médica, curadora espiritual’

| | |
|------|----------------------|
| GA | pajé kujã |
| Gjr | pazé kuzó |
| Tmb | padé kudó, padé kuzó |
| As-T | pasé |
| Km | pajé kujã |

PTG *jané rekó ‘nosso existir’, ‘nosso viver’, ‘nosso ser’

| | |
|------|-------------------------|
| GA | jandé rekó |
| Gjr | zané rekó |
| Tmb | dané rekó |
| Tb | jandé rekó |
| Kb | jané rekóa |
| As-T | sané rekó |
| Zo | nanẽ rekó [da'nẽ re'kɔ] |

O tema para **'dor'** é recorrente em várias expressões relativas à saúde e epidemias. É um tema antigo, reconstruído para o Proto-Tupí por Rodrigues (2007), e que possui reflexos na maioria das famílias desse agrupamento Genético.

PTG **-atʃi 'dor' : PTG *-atʃi : GA -atsí : Gjr -ahí : Tb -así : Kb -aí; Zo -ahí enfermidade, doença, dor`i

GA así, hasí, rasí, tasí (T:92, 150, 531, V:157, V:158) mba'e asi, mba'e rasí (T:296, 297, 325, V:171) 'enfermedad, dolencia, dolor'.

Gjr maʔéahí, -ahi 'doença, enfermidade'

Gjr -ahí 'dor'

GA kieße che rasí (T:250) 'desde aquí estuve enfermo; aquí empecé a enfermarme (ki, kie T:250 aquí)'

Gjr sēwí he rahí 'desde aqui eu tenho (tido) dor';
sé rakwéj he maʔéahí riʔi 'faz pouco tempo que eu tive doença'

GA che rete ɔpa katu che rasí ohu (T:175) 'hame cogido todo el cuerpo la enfermedad'

Gj he retékwér upaáw rupí katú hahíahí 'por todo meu corpo alastrou-se a ou há muita doença'

GA tasí che pisipá (T:479) 'hame cogido toda la enfermedad'

Gjr tahitahi he pihiƙpaw 'a doença me pegou completamente'

'dor aguda'

GA *tasí porokutu* (T:531, V:158) significava 'dolor agudo'

Gjr tahiahi 'dor forte'

'enfermo'

GA hasíbaʔé (T:531) 'el enfermo' (baʔé T:617 el que...)

Gjr imaʔeahi maʔé 'o enfermo'

‘curar-se a si mesmo’

GA añemopohanō (T:434) ‘curarse a sí mismo’

Gjr azemōpuhanōη ‘eu me curo’

‘recair-se enfermo’

GA che rasí jeví (T:531) ‘recair-se enfermo’

Gjr he maʔe ahi zewir ‘houve o reincidir da minha doença’

Nas duas línguas a tradução literal de ‘recair-se’ é ‘há o retornar de minha doença’.

GA na che rasí rui ruguãî (T:504) ‘no es de burla mi enfermedad’

Gjr na he maʔe ahi aʔu kwaw ‘minha doença não é falsa’, ou
na he muʔem kwaw he maʔe rahi amo ‘ não é minha mentira a minha doença’

GA tasí kiβō nd óuri (T:288) ‘no ha venido acá la enfermedad’

Gjr tahi n uúrikwáw sé ‘a enfermidade não veio aqui’

GA iβí así ‘terra contaminada’

Gjr iwí ahi ‘terra contaminada’

GA mbaʔé así jepōta ‘mal contagioso está vindo’

Gjr maʔe ahi zeapōtar ‘mal contagioso está vindo’

GA mbaʔéasí oikō ‘a doença está ativa’

Gjr maʔéahí uikó ‘a doença está ativa’

GA tasí jarekó ‘estamos doentes’

Gjr tahi zarekō ‘temos doença’

GA mbaʔéʔ tasí okuá ‘doença passou’ (V:115)’

Gjr maʔe tahi ukwáw ‘doença passou’

- GA maʔé así ɔjɛpɔtávaʔé aipɔrará ‘suporto a minha doença’
 Gjr maʔé ahi uzɛpɔtar maʔɛ apɔraráw ‘suporto minha doença’
 n(a) apunerikwáw maʔéahí purarawháw rehé kurí ‘não posso como respeito à minha doença’

PTG *-marán ‘algum defeito humano, doença’; Tb -marán : GA -mará(n) : Kb -maraʔni

- GA -marã, mara’a, mbara'a (T:296, 297, 325, V:171) ‘enfermedad, dolencia’
 Gjr -mərənér ‘verruca, marca na pele, abscesso, defeito no corpo, mancha’
 pessoa aleijada, dobrada, curvada’

‘sanidade’

PTG *awijé : GA aguijé ‘sanidade’ : TB aujé : Kb auʔjé ‘basta, suficiente’ : Gjr awize ‘saudável, salutar, basta, suficiente’

- GA awijéi (T:13) ‘sanidad’
 Gjr awizéj ‘sanidade, facilidade, calma, quieta, direita’
- GA awijetéj (T:14) ‘bueno, bien’
 Gjr awizɛɛɛɛ ‘bem bom, quase chegou lá’
- GA ndache awijetéj (T:17) ‘no estoy bueno’
 Gjr n(a) awizeahikwaáw ‘não estou bom, bem’
- GA tekó awijej (T:14, V:358) ‘buena vida, salud’
 Gjr tekó awizéj ‘viver bem, estado de ser saudável’
- GA che rúr awijej (T:217) ‘vengo con salud’
 Gjr he azúr awizéj ‘venho saudável’

‘resfriar-se’

PTG *-rɔʒí ‘frio’ : Tb -rɔʒí : GA -rɔʒí : Kb -rɔʒí : Zo -rɔʒí : As.T -rɔʒí

PTG *rɔʒitʃáj ‘frio gélido, muito frio’: GA -rɔʒisə(ŋ) : Mb -rɔʒitʃã : Tb -rɔʒisáj : Kb rɔʒisáj : As.T -rɔʒihík : Zo rɔʒiháj

GA ro’í che piší, che roi’ a, che karasí (V:350) ‘resfriarse (que também se pode traduzir como: o frio me pegou, tenho dor de cabeça)’

GA -rɔʒisáj ‘frio intenso’

Gjr he rusérusáj, he pihíkkwéj ‘o frio me pegou’

PTG *-ɔpɛsáj ‘ter sono ou sonolência’ : GA-ɔpɛháj : Mb opeýj : Gjr -upɛháj: Tmb -upɛháj : Kb opeýj : As.T -opɛhí : Zo -ɔpɛháj

GA tɔpɛháj (T:584, V:279) ‘ter sueño’

Gjr tɔpɛháj ‘ter sono’

GA che ropɛhíyi (T:584) ‘tengo sueño’

Gjr he rupɛháj ‘tenho sono’

GA tɔpɛhájusú (T:584, V:249, 279) ‘modorra, letargo’

Gjr tɔpɛhájuhú ‘sonolência forte’

PT **ekϕpe ‘vagem’/‘pod’: **PTG *ope ‘vagem, pálpebra’/‘pod, eyelid’**: GA -ɔpé : As.T -opé Kb -opé : Tb -ɔpé

GA che rope piratâi (T:584) ‘estoy soñoliento’

Gjr he rupépiretínj ‘tenho sono’

PTG * -kanɛʒ̃ ‘cansado’: GA -kanɛʒ̃: Mb -kanɛʒ̃ : Tb -kanɛʒ̃: Gjr -kanɛʒ̃ : As. T kani’ó : Zo -kanɛʒ̃

GA che kanεʔʂ (T:236), ‘ficar cansado’

Gjr he kanεʔʂ ‘tenho cansaço’

GA che ose che kanεʔʂ T:236 ‘estoy muy cansado’

Gjr he kanεʔʂatú aikó ‘estou muito cansado’

-mókáŋεʔim ‘enfraquecer, debilitar’ : GA mókani : Gjr mukóŋim : (fugiu do padrão)

GA che mókani che rasi (T:237) ‘hame debilitado la enfermedad’

Gjr he mukóŋim he maʔé rahi ‘eu estou sem força’

he mukóŋimkar he maʔeahihaw ‘minha doença me deixou sem força’

-mókáŋε ‘fraqueza’: GA kangó kangó: Gjr akəŋókəŋók

GA che kangó kangó che rasi (T:237) ‘estoy quebrantado con la enfermedad’

Gjr he akəŋókəŋók he maʔéahihaw ‘eu estou desfacelado pela doença’

áj ‘interjeição de dor’: GA ái : Gjr áj (FM)

GA ái, aju, atã (T:15, 22, 93) ‘interjección dolentis [del que sufre]’, heguã ãngái! (T:160)
interjección de mujer ‘dolentis’ [que se duele]

Gjr áj ató ‘homem chamando alguém na dor’

ijój, məmój, mój ‘surpresa’

PTG *-eté ‘corpo’: GA -eté : Mb -eté : TB -eté : Kb -ʔeté : Zo -eté

GA che retépe aróko mbaʔé así (T:574) ‘tengo enfermedad en mi cuerpo (tete T:575 cuerpo)’

Gjr he retékwé rehé hetá maʔeahí ‘doença com respeito ao meu corpo’

PTG *-pəɔɔjuká ‘matar gente’ : GA pəɔɔjuká : Mb pəɔɔjuká : Tb pəɔɔjuká : Kb -puruzuká : Zo pəɔɔjuké

GA pəɔɔjuká ‘matar gente’

Gjr tahítahiháw puruzuká ‘doença letal, como o *corona viru*’

PTG * pəɔɔmɔɔeð : GA pəɔɔmɔɔeð : Mb pəɔɔmɔɔeð : Tb teʔʔβwéra : Gjr purumuʔeó

GA pəɔɔmɔɔeð ‘enfermedad mortal’

Gjr purumuʔeó ‘enfermidade mortal’

PTG *-kuʔekuʔé ‘mexer-se, bolir’ : GA -kuʔekuʔé : Tb -kuʔekuʔé : Kb kuʔé : zjr -kuʔekuʔé

GA ɔkuʔé kuʔé che rasí (T:271) ‘remite-se la enfermedad’

Gjr ukuʔé kuʔe he rahi ‘estou me recuperando me reconstruindo’ ‘ainda estou sentindo dor’

PTG * -pəhangeʔimβaʔé ‘o que não tem remédio’ : GA -pəhəŋimβaʔé : Gjr -pəhəʔim maʔé

GA maʔé ipəhəŋimβaʔé (T:434) ‘cosa incurable, sin remédio’

Gjr maʔé ipəhəʔim maʔé ‘coisa que não tem remédio’
na hetáj ipuhəŋ ‘não tem remédio desse’

GA amongí ñandí rəβasapí hasíβaʔe rəhé ‘coloquei óleo na doença dele’

Gjr amonó zaní imaʔéahí rəhé ‘coloquei óleo na doença dele’

PTG *-mɔŋ ‘grudar, lambusar, brear sujar’ : Tb -mɔŋ : GA -mɔŋ : Gjr -mɔŋ

PTG *-mɔŋí ‘espalhar, passar algo na pele, untar’ : GA -mɔŋí : Mb -mɔŋíʔa ‘sujar’: Tb -mɔŋí : Kb -mɔŋí : Pr -mɔŋí

GA ñandí -mɔŋí, pitu T:421, V:392 unción). ‘ungir poner unción’

Gj zani mój ‘ungir com óleo’

PTG *-ejtik ‘jogar, lançar’: Tb -ejtik : GA -ejtik : Gjr -eitik : Kb -etik : Zo -ejtik, -etik

GA tasi che reitik (T:190) ‘la enfermedad me ha derribado’

Gjr maʔeahí he reitik aʔé ‘a doença me derrubou’

PTG *-jejək ‘solução’, Tb -jejək : GA -jojóg : Mb -jojój : Gjr zozók; Kp -jajók/-jojók : Kb -ajág

GA tasiβó ijójógíma (T:216) ‘ya tiene hipo el enfermo (jojog T:216, V:226 hipo)’

Gjr uzozók maʔeahí kurí ‘o doente já soluça’

PTG *-pərará ‘padecer’ : Tb pərará : GA pərará : Gjr pərará

GA ʔihéj aipərará (V:303) ‘padecer de sed;

Gjr pəraráw he ʔiwéj ‘eu padeço de sede’

GA pərasahára (T:443) ‘el que padece’

Gjr aʔé maʔé rahi upuraráwhára ‘sofredor de doença’

GA jáu pərasahára (T:204) ‘el que padece llagas’

Gjr aʔe upuraraw maʔe rahi pəpəpərew rəhe ‘ele padece de chagas (lit. ‘ele padece de doença de muitas feridas’

GA mbirai aipərará (T:410) ‘padecer lepra’

Gjr apuraráw piraíw rahi ‘sofro de doença de pele’

PTG *-paβ ‘acabar’ : Tb -paβ : GA -paβ : Gjr -páw : As.T -pam : Kb -páw : Zo -pá

GA əpá ipáβi (T:391) ‘todo se acabó; todos se han muerto’

Gjr upáw kurí ‘já todos se acabaram’

PTG *-ikú ‘dissolver-se: GA -iku : Mb -ikú : Gjr -ikú : Tb : -ikú : As.T -ikó (-w-ikó ‘agoar’)

GA hasíβαῖέ mbaῖέ apariku hṓῖú katú (T:59) ‘los enfermos comen bien cosas líquidas’ Gjr maῖéahímaῖε uḷukatu maῖέ tikú kwé (ou maῖε tikwer) wə

PTG *-mo-kotók ‘sacolejar, balançar’: GA -mbokotóg : Mb məkotó : Gjr -məkotók : As-T -mokotók/η : Zo -bokotók

GA che mbokotóg (T:258) ‘me menean, menéanme’

Gjr he məkotók ‘sacoleja-me, balançam-me, jogam-me’

PTG *-moiῖú ‘dar de beber, fazer ingerir líquido’ : GA mbṓiῖú : Mb mbṓiῖú : Tb m(b)ṓiῖú : As.T moiῖó : Zo -bṓiú

GA ambṓiῖú (T:633) ‘darle a beber (eu)’

Gjr amuiῖú ‘eu dou a beber’

PTG * -iῖutséj ‘sede’: GA -iῖuhéj, ihéj : Mb -iῖuβéj : Gjr -iwéj As.T -iṓhéhj Kb -iῖuwéj : Zo -iῖuwéj :

GA iῖuhéj, ihéj (T:633) ‘sed’

Gjr -iwéj ‘sede’

GA che iῖuhéj (T:633) ‘tengo sed’

Gjr he iwéj ‘tenho sede’

GA ché iῖuhéj ai ai (T:633) ‘tengo mucha sed’

Gjr he iwéjkatú ‘tenho muita sede’

PTG *-βεβύj ‘leve, boiar, vazio’: GA -βεβύj : Tb -βεβύj : As.T -wewój : Zo -wewúj

GA tasi iβεβύj kṓῖité (T:621) ‘ella pasa la enfermedad’

Gjr maῖeahí iwewúj ṓhṓputár ‘a doença vai embora’

PTG * pweráß ‘convalescença’ : GA -kwerá : Mb -kwerá : Gjr kweraw : Zo poerá

GA che kwerá (T:272) ‘mi convalecencia’

Gjr he kweráw kuri’eu já curei’

GA akwerá kwerá (T:272) ‘estoy mejor’

Gjr akweráw kuri’ ‘já estou bem’, ‘estou melhor’

GA añaropu?ã ramo (T:362) ‘me empiezo a levantar’, ‘estoy convaleciente’

Gjr asemopu?épu?éipí kuri ‘já começo a me fazer levantar’

PTG *-potsán, mōtsán ‘mezinha, remédio’ : GA -pohán, mōhán: MB : Gjr puhéh, muhéh: Tb : -pōsán, mōsán Kb : As-T -pohóꞰ, mohóꞰ: Zo -pohán, mōhán

GA ajemopohāngí (T:612) ‘tomé bebedizo’

Gjr azemupuhéh ‘eu me medico/mediquei’

GA amopohāngí?ú (T:612) ‘dile bebedizo’

Gjr amopuhéh?ú ‘fazer beber remédio’

GA porapohanóhgára (V:12, 272) ‘acertado médico’

Gjr purupuhéhónéh hára ‘curador de gente’

GA ajemopohanō (T:434) ‘curarse a sí mismo’

Gjr azemupuhéhōneh ‘curar-se’

PTG *-umí ‘hematoma, bolhas (no traseiro)’: GA -umbí : Mb -umbí : Gjr -umí : Tb -umí

PTG * -rurú ‘inchaço, abcesso’ : GA rurú; Mb -rurú : Gjr -rurú : Kb -pirurú ‘ferida’ : Pr mbirurú ‘ferida, picada que não sara’ : Tb -rurú : Tp piroró : Tb -rurú : As.T -piroró : Zo -rurú

GA che rurú rurú (T:505) ‘tengo muchas postemas’

Gjr he rurúrurú ‘tenho muitas gazes’

GA che rurupug (T:505) ‘reventó la postema’

Gjr herierurú púk ‘minha barriga está pipocando de gazes, por exemplo’ (vai dar diarreia)’

PTG *ruʔá ‘bolhas, empola’ : GA ruʔá : Gjr piruʔá, popiruʔá (calo da mão’, pipiruʔá (Calo do pé): Kb -piruʔá : piruʔá ‘calo do pé’ : Zo’ é piruʔá

PTG *-apépwér ‘crosta fora da ferida, casco sem conteúdo’ : GA apékué : Mb apékué : Gjr apékwér : Tb -apépwér : As.T pékwén : Zo’ é apé arét

GA apékué (V:118) ‘costra’

Gjr apékwérè ‘crosta, casca de ferida, casco sem o conteúdo’

PTG *-péréβ ‘sinal, ferida’ : GA -péré(β) : Gjr peré’ : Zo peré : Kp peré :

GA che peréperé (V:328) ‘postillas tener’

Gjr he peréperéw ‘eu tenho muitas perebas’

PTG *-jeməpír ‘criar urticária, piras’ : GA -jeməpí : Gjr -zeməpír

GA ajeməpí mundá (T:410) ‘crio ronchas’

Gjr azeməpírkár ‘eu peguei pira’

PTG * -péw ‘pús’ : GA -péw : Kb -péw : Pr -péw : Zo p-pé : Zo -pé : Waj : Zo -pé

GA péu, mbéu (T:409) ‘materia podre’

Gjr péw ‘pús’

GA ndi péw i ranjê (T:409) ‘aún no tiene materia’

Gjr ni péwkwáw ‘não tenho pús’

GA tatã ipéw (T:409) ‘está la podre duro’

Gjr tətó ipéw ‘está dura a pústula’

PTG *-amĩ ‘espremer’ : GA -amĩ : Tb -amĩ : Gjr -əmí : Kb tiamĩ : Kp -amí : Zo -teamĩ

GA aňamĩ ipéu (T:34, 409) ‘estrujar, exprimir la podre (amĩ T:34 exprimir, apretar, estrujar)’

Gjr azəmi ipéw ‘espremo o pús’

GA aka’ẽ (T:232) ‘yo estoy sano de llagas;

Gjr ukεʔé ‘está seca (a ferida)’

GA che ai oka’ẽ (T:232) ‘sanó mi llaga’

Gjr he peré ukεʔé minha pereba secou’

GA kaʔẽ (T:232) ‘secarse llagas’

Gjr kεʔé ‘seco’

GA cheremimoka’ẽ (T:232) las llagas que he curado, com o sentido de secá-las (moka’e T:310 cosa enjuta).

Gjr he remimukeʔé ‘coisa secada de mim’

GA aipeʔóg (T:401) ‘quitarse las postillas’

Gjr apeʔók he pek he peéw ‘eu arranco as pústulas’

GA ipi jepota (V:169) ‘encorar la llaga (jepota T:211 conyunción, llegar continua cosa; moña T:319 criar)

Gjr zepotár ‘colar’

GA -pɔpiruʔa (T:439) rozarse, ampolla, rozadura;

Gjr -pɔpiruʔa ‘calo das mãos’

PTG *-karāj ‘arranhar’ : GA -karāj : Gjr -karój; Kb -karāj : Zo -karāj

GA karāi, aikarāi, ahe’yi, (T:240, V:342) ‘rascar’

Gjr kəró kərój ‘arranhar’

GA ajekarāj, ajεεʔij (T:170, 240, V:342) ‘rascarse, yo me rasco’

Gjr azεkərój ‘eu me arranho’

GA che karāi (T:240) ‘me rascan’

Gjr he kərój ‘arranham-me/arranharam-me’

-kəʔš ‘arranhar’

GA kəʔš (T:256, V:182) ‘escocer, escocimiento [frotar]’

Gjr kəʔš ‘ardor’

GA che resa nambí ko’ō (V:182) ‘escocer los ojos’

Gjr he rehákəʔš ‘meu olho ardido’

GA amoko’ō (T:256) ‘hacerle escocer’

Gjr amukəʔškár ‘eu o faço fazer arder’

GA añemoñeko’ō (T:256) ‘hago que me escueza’

Gjr azεmukəʔš ‘faço-me arder’

PTG *-kitík ‘frotar, esfregar’ : GA- kití : kitík Gjr kitík : Kj kitík : Zo -kitík

GA aikítí (T:409, 415) ‘refregar’

Gjr akítík ‘esfregar’

GA pita’i (T:420, V:360) ‘sarpullido’

Gjr pitaʔí ‘manchinhas vermelhas’

GA ajembokurú (T:281) ‘me hago sarnoso’
 Gjr azemukurú ‘eu me ensarneço’
 kurúahí ‘muita sarna’

GA kurú purarahára ‘sofrimento por sarnas’
 Gjr maʔéahí kurúkurú ‘doença de sarna’

PTG * -məném ‘causar mal olor’ : GA : ɔmənẽ : Gjr -məném : TB -məném : Zo -məném :

GA omonẽ angaipa [pirai] ase rete (T:410) ‘la lepra causa mal olor al cuerpo’
 Gjr ɔmənémkára ‘fazer algo apodrecer’

PTG *-jɛwaru ter nojo, ter asco de’ : GA -jɛgwaru Mb : Tb jɛwaru : Gjr zɛwaru : Kb jɛwarũ
 : Kp jawarú : Zo jawarú

GA porombojɛguaru piraivo ava rehe (T:411) ‘causa el leproso asco a los hombre’.
 Gjr uporomuzɛwárúkár maʔéahí ipiraíw maʔé ‘fazer ficar com asco de algo ou alguém’

PTG *-mɔjár ‘colar’ : GA mbɔjá : Mb mbɔjá : Gjr -muzár : Tb -mɔjár : Kb muját

GA ambɔjá hesé kurú (T:281) ‘peguele la lepra’
 Gjr amuzár hehé ‘peguei com respeito a esse (doença)’
 amuzár ipɛɾɛw rɛhé ‘pequei com respeito a pereba dele/dela’

PTG *-piraiß ‘eczema, afecção cutânea’ : GA -pirai, mbirai : Gjr piraíw : Tb -piraiß

GA mbirai aipɔrará (T:410) ‘padecer lepra’
 Gjr apuraraw piraíw rahi ‘sofro de doença de pele’

GA ajembɔpira’í (T:281) ‘hágame leproso’
 Gjr azemupiraíw ‘peguei lepra’

GA mbiraijára, rɛkwára, pɔrarahára (T:410, 419, V:249) ‘leproso’
 Gjr piraíw herekóhára ‘leproso’

GA -pirĩpirĩ : Gjr -pirĩpirĩ ‘calafrios’

GA che pirĩpirĩ (V:85) ‘calos fríos tener’
 Gjr he pirĩpirĩ ‘tenho calafrios’

GA nunú : Gjr -nunúk ‘latejo’

GA -nu, nundu, nunu ‘latejo’
 Gjr -nunúk ‘latejo’

GA che akãng nunu ‘dame latido na cebeza’
 Gjr he akóŋ nunúk ‘minha cabeça lateja’

Gjr he akənunú pɛhé ‘a cabeça dói desigualmente, só um alado’
 əkəŋnunú ‘pontada na cabeça’
 əkəŋnunú uzɛputaputár ‘dor de cabeça continua’

PTG * -rirĩj ‘tremor’ : GA -rirĩj : Gjr -rirĩj : Tb -rirĩj : Tb -rirĩj : Kb pirĩj ‘tremor

GA -rirĩj ‘tremor’
 Gjr rirĩj ‘tremor, tiritar’

GA che rirĩj (T:506, 608) ‘yo tiemblo’
 Gjr he pó rirĩj ‘minha mão treme de nervoso’

GA arirĩj ‘eu tremo’

Gjr ariríj ‘eu tremo’

GA che rembe riríj (T:506) ‘tiemblame los lábios’

Gjr he remé riríj ‘meu lábio treme’

PTG *títik ‘palpitar, tremer’ : GA tití : Gjr titík : Tb titík : Zo titík :

GA che reté tití (T:608) ‘dame latidos mi cuerpo’

che moakãη tití (T:608);

Gjr titítitík ‘tremedeira’

he herehá pepíri titík

akəη titík ‘latejos da cabeça’

a-titík ‘leveí um susto’

PTG *-pítú ‘hálito, respiração, fôlego’ : GA -pítu : Gjr -pítú : Kb -pítú : Tb pítu

GA che pítú (T:483) ‘mi aliento’

Gjr he pítú ‘meu alento’

GA nache pítusēmi (T:484) ‘no puedo alentar’

Gjr nazepítuhémikwáw ‘não me acalmo’

GA che pítupá (T:482, V:351) háseme quitado el aliento’’

Gjr he pítupáw ‘eu respirei completamente’

Gjr azeməpítuhém ‘eu me faço respirar’

he pítukeηatú ‘tô calmo, respiro’

na zepítuhémikwáw ‘não me acalmo’

apítuhém ‘eu respiro’

PTG *uʔú ‘tosse’ : GA uʔú : Gjr uʔú : Kb uʔú : Tb uʔú : Zo uʔú

GA che uʔú porará (V:384) ‘toser a menudo’

Gjr he uʔú porará ‘sofrendo de tosse’

GA akεpαihú (T:90, V:307) ‘parasismo [paroxismo], o desmayo tener, o soñar, o tener visiones’

Gjr aképuahú ‘ter visões, sonhar’

apuahú ne rehé ‘sonhei com você’

PTG *-ié ‘tripas, abdomen’ : GA -ijé, -ié : Mb -ié: Gjr -ijé, ié : Kb -ié : Zo -ié : Tb -iwé : As.T --ihé : AW-G -já

GA tié pɔʔi (T:605, V:69) ‘tripas’

Gjr tié pɔʔi ‘diarréia’

GA che rié pɔʔi (T:605, V:69) ‘mis tripas’

Gjr he rié pɔʔi ‘minhas tripas’

GA tie pitã, tepoti uguí, tepoti pitã (T:481, V:85)

Gjr tepotí pirón ‘fezes humanas vermelhas (sangue)’

PTG *kɔrɔrɔ ‘rangido’: GA -kɔrɔrɔ ‘ronquera’ : Gjr kɔrɔrɔ : Km kɔrɔrɔ : Zo kɔrɔrɔ

GA jaseʔɔ kɔrɔrɔ (T:203) ‘ronquera’

Gjr ʔájkɔrɔrɔ ‘chiado na garganta’

GA che rɔβate che aŋgaiβɔ ari (V:147) ‘desfigurado de flaco’

Gjr he rɔwaté əŋaíwahí ‘minha face desfigurada de cansaço’

PTG *-mojeβir ‘fazer voltar, vomitar, ter refluxo’ : GA -mbojeβí : Tmb -moziwír : Gjr -mɔzewir : Kb -mɔjewít : Zo -bojiwít

GA ambojeβí (T:214, 336, V:403) ‘vomitar’

Gjr amuzewír ‘au vomito’

PTG *-ετfájuba?é ‘olhos amarelos’: GA -esá júβα?é : Gjr tēházúma?ε

PTG *-ετfájúβ ‘olhos amarelos, ressecados’ : GA -esaijú : : Gjr -εházuzú : Tb : -εaájúβ :

GA tesaijú (T:568) ‘ojos amarillos’

Gjr tēházuzú ‘olhos amarelos (olhos secos)’

GA che resá a?ĩj así (T:565) ‘estoy enfermo de los ojos’

Gjr he rehá?ĩj hahí ‘meu olho tem doença’

GA che resá así guiεkεβεε (T:565) ‘ando enfermo de los ojos, tengo mal de ojos’

Gjr he rehá ahí tekó ‘estou doente dos olhos’

GA tesá así (T:565) ‘ojos enfermos;

Gjr tēháahí ‘olhos doentes’

2.2 ALGUNS ELEMENTOS DA LINGUAGEM DAS DOENÇAS E EPIDEMIAS PRÓPRIAS DO GUAJAJÁRA

Em nossa comparação, a partir dos dados do Guaraní Antigo inventariados por Francisco Silva Noelli (2020, 2021), observamos também várias diferenças entre o Guajajára e o Guaraní Antigo. As diferenças foram ora de natureza semântica, ora por as línguas comparadas fazerem uso de palavras diferentes para os mesmos significados. Em seguida, apresentamos alguns exemplos ilustrativos dessas diferenças.

Um exemplo é o verbo ‘poder’, que em Guaraní foi registrado -pεaká(r), enquanto Guajajára tem -punér ‘poder’. O termo Guajajára, que existe também em Tembé, pode ser um empréstimo do Português ‘poder’.

GA nachε pεakári che rasí rεrekó (T:422) ‘ya no puedo sufrir la enfermedad’

Gjr na punerikwáw ma?éahipuraráw haw rehé kurí

Nos exemplos seguintes as diferenças advêm do fato de que as línguas Tenetehára fixaram o reflexo do PTG **-apij* ‘tipo de casa temporária, apenas com teto de palhas’ para a casa de morada permanente’, enquanto o Guaraní Antigo e outras línguas conservadoras mantiveram o tema reflexo do PTG **-ók* para casa permanente, exceto o Kamayurá.

Um último exemplo é o reflexo do PTG **marán* ‘mal, coisa ruim, doença’, em Guajajára. No Guaraní Antigo e no Tupinambá há o tema *-marã* ‘que também significa doença’, mas em Guajajára *-mərənér* com o significado de verruga. Há também o uso de desse tema na palavra para virgem, *kuzó mərənéréʔi* ‘mulher virgem’. Nos exemplos seguintes, Guajajára expressa a mesma ideia do exemplo Guaraní com outras escolhas lexicais, embora todas reflexos do Proto-Tupí.

GA **nimarãni che róga** (T:296) ‘*está mi casa entera; no hay enfermedad, o cosa mala, en mi casa*’

Gjr na hetá kwáw maʔeahý he he rəpíj ‘*não há doença em minha casa*’

2.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos uma comparação de termos relativos a doenças, epidemias, prevenções e tratamentos. Os resultados foram muito esclarecedores quanto ao conservadorismo do Guajajára. A comparação permitiu a reconstrução de temas simples e complexos da linguagem da saúde, epidemias e doenças nunca antes reconstruídos.

CONCLUSÃO

Chegamos ao término deste estudo, que sabemos é sem fim. Adentramos uma área da linguística pouco investigada no âmbito das línguas indígenas, e minimamente por falantes nativos de línguas indígenas. É a primeira vez que uma indígena falante de uma língua Tupí-Guaraní se propõe a realizar uma análise linguística histórico-comparativa, o que foi possível por contar com dois especialistas no estudo da pré-história de povos Tupí, o arqueólogo Francisco Silva Noelli e a linguista Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

Buscamos realizar um trabalho que se configurasse em um diálogo entre dois modos de investigar realidades e documentar e analisar conhecimentos sobre elas. No capítulo I, desenvolvemos um estudo muito importante sobre o tema ‘saúde’, ouvindo a sábia liderança Guajajára Cíntia Maria Santana da Silva que, em sua oralidade plena, ensinou sobre os Guajajaras, as doenças, epidemias, prevenções e tratamentos. Cíntia nos ensinou quando e como os Guajajára retomam suas práticas milenares ressignificando-as. Seus ensinamentos fazem uma ponte importante com o conteúdo do Capítulo II.

O capítulo II apresenta várias etimologias relativas à saúde, doenças, epidemias e mezinhas, com cognatos em várias línguas. Os étimos reunidos representam um avanço na quantidade de formas reconstruídas para o PTG, com o diferencial de serem relativos a um domínio da experiência Tupí-Guaraní de importância fundamental, o domínio da saúde. É impressionante o número de correspondências lexicais e gramaticais entre o Guajajára e o Guaraní Antigo. Os resultados da comparação apresentados nesse capítulo é, sem dúvida, uma contribuição singular aos estudos histórico-comparativos da família Tupí-Guaraní.

Esta dissertação foi uma porta que se abriu para a principal protagonista desta dissertação, para que ela, como indígena conhecesse e praticasse o estudo histórico-comparativo de sua língua nativa com outras línguas irmãs e despertasse seu interesse pelo gosto por esse tipo de estudo, que nos leva em uma linda viagem pela pré-história e história do povo Tupí-Guaraní.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Emerson Rubens Mesquita. **A política vai à festa: sagacidade e estratégia Tentehar nas relações interétnicas**. 2019. 226 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ANÔNIMO, **Vocabulário na Língua Brasília**, 1.º vol. (A-H), 2.ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, por Carlos Drummond, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n. 137, Etnografia e Tupi-Guarani n. 23), São Paulo, 1952.

ANÔNIMO, **Vocabulário na Língua Brasília**, 2.º vol. (I-Z), 2.ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, por Carlos Drummond, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n. 164, Etnografia e Tupi-Guarani n. 26), São Paulo, 1953.

ARAÚJO, José Wilhame Pinto de. **Aspectos da estrutura do Ze'egté: estudo da língua do povo Tenetehára-Guajajara**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Orientador: Marília Lopes da Costa Facó Soares.

BENDOR-SAMUEL, David. **Levantamento da Situação dos Guajajara**. Relatório mimeografado. FUNAI. Brasília. 1967.

BENDOR-SAMUEL, Margaret. "Notes on Guajajara." *Notes on Literacy* 8: 23-24. 1970.

BENDOR-SAMUEL, David. **Hierarchical structures in Guajajara**. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields, 37. Norman: Summer Institute of Linguistics. xiv, 214 p. 1972

BERLIN, Brent; KAUFMAN, Terrence; CARSON, Neusa; RODRIGUES, Aryon D.. Diagnostic vocabulary. In: **Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul**. [South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP)]. Berkeley: University of California; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1986. Mimeo.

BETTS, La Vera D., **Dicionário Parintintín-Português, Português-Parintintín**, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1981.

BOUDIN, M. H. **Dicionário de Tupi-Moderno**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.

BOUDIN, M. H. **Dicionário de Tupi-Moderno (dialeto Tembê-Ténêthár do alto rio Gurupi)**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 2 v, 1978.

CABRAL, A. S. A. C.; JENNINGS, E. ; PINTO, S. de B.. **Manual Linguístico de Apoio ao Atendimento de Saúde Junto ao Povo Zo'é**. 1. ed. Brasília: LALLI, v. 1. 226p. 2019.

CABRAL, A. S. A. C.; Noelli, Francisco S.; Sallum, Marianne. **Tapimãa Új Japohát 'fazedoras de belas panelas e as primeiras explorações da linguagem da cerâmica Zo'é'**. HABITUS, v. 18, p. 368-392, 2020.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Estatuto gramatical do morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (Tupí-guaraní). **Revista Linguística** (Rio de Janeiro), v. 10, p. 199-217, 2014.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. O parâmetro 'Agregação de Voice' e as funções de v-zinho em quatro línguas indígenas brasileiras. **Revista Linguística** (Madrid), v. 31, p. 111-129, 2015.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. A sintaxe e a morfologia das nominalizações na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). **Revista Linguística**, v. 12, p. 110-134, 2016.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Exploring agreement displacement from the Internal to the External Argument in the Tenetehára language (Tupí-Guaraní family). **DIADORIM**, Rio de Janeiro), v. 19, p. 252-268, 2017.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. As propriedades sintáticas do aplicativo na língua Tnetehára-Guajajára (Tupí-Guaraní). **DIADORIM**. Rio de Janeiro, v. 22, p. 87-112, 2020.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Paralelismo Entre DP e CP a partir das Nominalizações na Língua Tenetehára. **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 393, 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Morfemas causativos nas línguas indígenas brasileiras. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 5, p. 198-218, 2015.

CAMARGOS, Q. F.; CASTRO, R. C.; TESCARI NETO, A.. Partículas de Final de Sentença (PFSs): uma análise Cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, v. 14, p. 827-855, 2019.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; GUAJAJÁRA, S. B. S. L.. Estruturas interrogativas polares e informacionais na língua Tenetehára-Guajajára (Tupí-Guaraní). **Revista de Letras Norte@Mentos**, v. 1, p. 1-40, 2020.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim; GUAJAJÁRA, M. S.; SILVA, C. M. S.; CASTRO, R. C.. **Interpretação de textos e atividades gramaticais na língua Guajajára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2018. v. 1. 70p.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. **Uma proposta de dicionário para a língua Ka'apór**. 2009. xvi, 334 f., Il. Tese (Doutorado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics: an introducton**. Edinburgh University Press, Edinburgh, 1998.

CAMPBELL, Lyle.. **Historical Linguistics: An Introduction**, 3rd edn. Edinburgh: Edinburgh University Press, and Cambridge MA: The MIT Press., 2013.

CASTRO, Ricardo Campos. O Epifenômeno da Alternância de Valência na Língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 347-391, 2013.

CASTRO, Ricardo Campos. O estatuto dos sintagmas posposicionais em Tenetehára (Tupí-Guaraní). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 11, p. 179-194, 2019.

CASTRO, Ricardo Campos. Incorporação nominal e aspecto lexical em Tenetehára (Tupí-Guaraní). **LIAMES**, v. 20, p. e020012-27, 2020.

CASTRO, Ricardo Campos; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). **Liames**, v. 15, p. 47, 2014.

CASTRO, Ricardo Campos; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Estruturas causativas, reflexivas, recíprocas e anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára (Família Tupí-Guaraní). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 60, p. 669-690, 2018.

CASTRO, Ricardo Campos; GUAJAJÁRA, P. C.. Izipi mehe: ciber caminhos linguísticos e literários para a Preservação da cultura Tenetehára. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 12, p. 01-30, 2020.

CASTRO, Ricardo Campos; Fábio Bonfim Duarte; CAMARGOS, Q. F.. Antipassive structure in Tenetehára (Tupi-Guarani family). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 8, p. 63-85, 2017.

CARVALHO, R. B. de; GUAJAJÁRA, M. C. da S. Notas sobre a voz causativa-comitativa em Kaiowá e Guajajára. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 335-345, 2018. DOI: 10.26512/RBLA.v10i2.20982. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/20982>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CHAMORRO, Pilar; DUARTE, Bonfim Fábio. On the semantic properties of mass and count nouns in Guajajára (Tenetehára). **Linguistic Variation**, v. 20, p. 366-381, 2020.

CRUZ, Olímpio. **Vocabulário de quatro dialetos dos índios do Maranhão: Guajajára, Canela, Urubu e Guajá**. São Luís: Secretaria de Educação e Cultura, 1972.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. **LIAMES (UNICAMP)**, Unicamp, v. 5, p. 113-145, 2006.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Estudos de Morfossintaxe Tenetehára**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Fale/UFMG, v. 500. 211p. 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim. Tenetehára: A predicate-fronting language. *The Canadian Journal of Linguistics / La revue canadienne de linguistique*, v. 57, p. 359-386, 2012.

DUARTE, Fábio Bonfim. The Split-S System and the Source of The Absolutive Case in Tenetehára. **Revista Linguística**, v. 13, p. 317-367, 2017.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Antipassive structure in Tenetehára (Tupi-Guarani family). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 8, p. 61-82, 2017.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, R. C.. Estruturas antipassivas em Tenetehára. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 18, p. 318-341, 2014.

DUARTE, Fábio Bonfim; SILVA, C. M. S.; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, R. C.; GUAJAJARA, M. C. S. (Org.). **Coletânea de Narrativas Guajajára**. 1. ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, v. 1, p.122, 2018.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade**. Petrópolis: Vozes, 2002. 632 p.

HARRISON, Carl. Typological disharmony and ergativity in Guajajara. **Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota, Session 27, pages 73-106,1983**.

HARRISON, Carl. The interplay of causative and desiderative in Guajajara. **MOARA**, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras. UFPA, Belém, n. 4. 1995.

HARRISON, Carl; HARRISON, Carole. **Dicionário Guajajara-Português**. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2013. Disponível em: https://www.sil.org/system/files/reapdata/14/15/80/141580492686378971823968698096869774884/Dicionario_Guajajara_Portugues.pdf. Acesso em Dez, 2020.

HOCK, Hans Heinrich. **Principles of historical linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter. 1991.

JUNQUEIRA, C. Disputa política na sociedade Kamaiurá. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 215–233, 2013. DOI: 10.26512/rbla.v1i2.12366. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/12366>. Acesso em: 1 dez.. 2021.

KAUFMAN, Terrence. Language. History in South of America: what we know and howto know more. In: PAYNE, D. L. **Amazonian Linguistics- studies in lowand South American Languages**. University of Texas Press, Austin.1990.

MARQUES, C.A. **Dicionário histórico e geográfico da Província do Maranhão**. Fon-Fon/Seleta, Rio de Janeiro, RJ, BR. 689pp. 1970.

MONTOYA, A. R. **Arte, Bocabulário, Tesoro y Catecismo de la Lengua Gvarani** por Antonio Ruiz de Montoya, publicado nuevamente sin alteración alguna por Julio Platzmann. 4 Tomos. Leipzig. B.G. Teubner. 1876.

NOELLI, F. S.. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. **Diálogos**, DHI/UEM, vol. 2, n.2 p. 177-199, (impresso), Maringá-Pr. 1998

NOELLI, F. S.. Memórias sobre tempos de peste: a linguagem Guarani do século XVII sobre as doenças e epidemias (parte 1). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, <https://doi.org/10.26512/rbla.v12i1.34846>, v. 12, p. 251-282, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/35064>. Acesso em Dez./2020.

NOELLI, F. Memórias sobre tempos de peste: linguagem Guarani das doenças epidêmicas no século XVII (parte 2). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S. l.], v. 13, n. 01, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/36930>. Acesso em: 1 set. 2021.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p701>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/JN7ndNWNfxFb3mbCVfLfSn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: dez./2020.

RODRIGUES, A. D.. Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, SAO PAULO, v. 27, p. 33-53, 1985.

RODRIGUES, A. D.. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Loyola, v.1, 135p. São Paulo: 1986.

RODRIGUES, A. D.. As consoantes do Proto-Tupí. In: Ana Suely Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'Igna Rodrigues. (Org.). **Línguas e Culturas Tupí**. 1ª ed. Campinas; Brasília: Curt Nimuendaju; LALI, v. 1, p. 167-203, 2007.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna ; CABRAL, A. S. A. C.. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: Cabral, Ana Suely A. C. ; Aryon Dall'Igna Rodrigues. (Org.). **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**. 1ed. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 327-337.

SILVA, Tabita Fernandes da. História da Língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família lingüística Tupi-Guarani do Tronco Tupi. 1145 p., IL. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, Cíntia Maria Santana da. **Linguagem e identidade: a mulher Tenetehára contemporânea e sua relação com os movimentos sociais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional (UFRJ,. Orientador: Marci Fileti Martins, 2018.

SILVA, C. M. S.; MARTINS, M. F.. A mulher Tenetehára contemporânea: identidade étnica, gênero e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 11, p. 101-128-128, 2019. pí. 1ed.

SILVA, Tabita F. da. **História da Língua Tenetehára. Contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família lingüística Tupi-Guarani**.. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília.

SOARES, Marília Facó. **A Perda da Nasalidade e outras Mutações Vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara**. Menção: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1979.

UBBIALI, C. **O Filho de Ma'ira**. Quito: Abya Yala Universidad Politécnica Salesiana - UPS, 1997.

WEISS, Helga Elisabeth. **Para um dicionário da língua Kayabí**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.